

C Ó P I A

SENADOR AURO MOURA ANDRADE
SENADO FEDERAL
BRASILIA

*Idem para o
dep. Colombo de
Souza*

RIO 3/11/1960

PARTICIPANTES DA REUNIÃO CONVOCADA PELA SOCIEDADE BRASILEIRA PARA O PROGRESSO DA CIÊNCIA vg APOS ANÁLISE E DISCUSSÃO DETALHADA vg NOS DIAS 28 E 29 DE OUTUBRO DO CORRENTE vg NO RIO DE JANEIRO vg DO PROJETO DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA QUE SE ENCONTRA EM CURSO NO CONGRESSO vg LEVAM AO CONHECIMENTO DE VEXIA SUA CONVICÇÃO SOBRE INTERESSE E IMPORTÂNCIA FUNDAMENTAL QUE TERIA APROVAÇÃO DO REFERIDO PROJETO PARA O DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO INDUSTRIAL E CULTURAL DO BRASIL vg ESPECIALMENTE EM FACE DA NECESSIDADE DE UMA TOTAL RENOVAÇÃO DA ESTRUTURA E DOS METODOS UNIVERSITÁRIOS VIGENTES EM NOSO PAIS pt WALTER MORS vg JULIO PULLES vg JACQUES DANOS vg QUIMICOS - DARCY RIBEIRO vg CASTRO FARIA vg OSWALDO GUSMÃO vg JOSILDETH GOMES CONSORTE vg ORACY NOGUEIRA vg MORSE BELEM TEIXEIRA vg CIENTISTAS SOCIAIS - ANISIO TEIXEIRA vg JAYME ABREU vg FARIA GOES SOBRINHO vg EDUCADORES - WALTER OSWALDO CRUZ vg PAULO DE GOES vg CARLOS CHAGAS vg PAULO SAWAYA vg CRODOWALDO PAVAN vg SEBASTIÃO BAETA vg JOSE RIBEIRO DO VALE vg BIOLOGOS - RICHARD WALLAUSCHEK vg JOSE LEITE LOPES vg OSCAR SALA vg JOSE GOLDENBERG vg JAYME TIOMNO vg JOÃO CRISTOVÃO CARDOSO vg FISICOS - LUCIO COSTA vg ARQUITETO - F BRIGUER vg ECOLOGISTA - PEREIRA GOMES vg LEOPOLDO NACHBIN vg MARIA LAURA LOPES vg MATEMATICOS - HAITI MOUSSATCHE vg MAURICIO ROCHA E SILVA vg FISILOGISTAS VLADIMIR MURTINHO vg DIPLOMATA - FREDERICO RANGEL vg ENGENHEIRO - PAULO DUARTE vg JORNALISTA - POMPEU ACCIOLY BORGES vg CELSO FURTADO vg ECONOMISTAS - PEDRO PINCHAS GEIGER vg ORLANDO VALVERDE vg GEOGRAFOS - FRANCISCO IGLESIAS vg MARIA YEDDA LINHARES vg HISTORIADORES - MARIO PEDROSA vg CRITICO DE ARTE - CYRO DOS ANJOS vg ESCRITOR - EURYALO CANABRAVA vg FILOSOFO - HAYDDE GUANAIS DOURADO vg ENFERMEIRA - MOACIR AMORIM vg ANATOMISTA - NEWTON MAIA vg GENETICISTA pt

29/10/60

11,15

O aluno que se destina à Faculdade de Educação terá que fazer, primeiro, o curso introdutório, que suponho de um ano, nos vários departamentos do Instituto; depois, então, fará o curso especializado, que suponho de 2 anos. No caso, para ele obter um bacharelado em Economia, deveria fazer, depois, um ano na Faculdade de Educação. Isto está feito mais ou menos no modelo dos outros Institutos, em que uma pessoa pode fazer um bacharelado em Química e depois ir para a Faculdade de Educação para obter uma licenciatura de Química ou Física.

Além da licenciatura temos outros campos, como o Serviço Público, Economia, etc. que se destina à preparação de Administradores de empresa, economista, etc., bem como para Direito, Jornalismo e outras carreiras que poderiam ser anexadas aqui. Isto significa, em essência, que os alunos que se dirigem a um curso de direito, poderão entrar para a Faculdade de Educação, mas terão de fazer um curso introdutório para, depois então, fazer um curso de direito com 3 anos, mas dentro da Faculdade de Direito.

Suponhamos que essa Faculdade de Direito também pudesse se estruturar de forma diferente do padrão comum. Ora, a Faculdade de Direito, apesar de ter perdido uma série de campos que lhe pertenciam, em que havia a especialização de várias

modalidades profissionais, continua, ainda, a oferecer as mais diversas especializações, como: para promotores, juizes, no campo do Direito Trabalhista, em Direito Administrativo, Direito Internacional, etc. Então, esse curso de 3 anos, posterior ao curso básico, já pode ser orientado num certo sentido, de maneira a que o aluno faça uma opção, após 2 anos no Instituto, quando ele já adquiriu uma certa maturidade. Considerando-se que são alunos que trabalham 8 horas por dia na Universidade, eles poderão fazer tanto aquelas matérias gerais que todo o advogado faz, como, também, poderão especializar-se em qualquer ramo especial do Direito.

A mesma coisa se poderá fazer para os alunos de Economia, Administração de Empresas, Jornalismo, etc. É claro que cada Departamento procurará atrair os melhores alunos que por eles passam, os que demonstrem maior capacidade. Neste caso, um aluno que se tenha especializado em economia - um economista teórico ou um pesquisador no campo da economia, que é bem diferente do economista de empresa - será atraído pelo seu Departamento para o campo da sociologia.

Esta a estrutura geral planejada para o Instituto de Ciências Humanas.

Queria citar mais um exemplo, para que fique bem clara a nossa preocupação por todos os setores. Assim, imaginamos o Departamento de Antropologia, com uma série de Divisões específicas: a Divisão de Antropologia Biológica, Divisão de Etno-

logia, Divisão de Antropologia Cultural, Antropologia Humana e Arqueologia e, ainda, Linguística Comparada, onde poderemos ter uma Divisão de Folclore. Então, o Departamento de Antropologia dentro do Instituto de Ciências Humanas, envolve uma série de especialidades que, por sua vez, estabelece até certo ponto, necessariamente, um vínculo da Divisão de Linguística Comparada com o Instituto de Letras que trata da Literatura. Isto é evidente, porque há um campo de linguística comparada no Brasil, - por exemplo, a língua indígena, com mais de 200 dialetos - que está a nos desafiar para um estudo. Então, cumpre colocar no Departamento de Antropologia uma Divisão de Linguística Comparada, que também poderá servir ao Curso de Letras.

Da mesma maneira o Curso de Arqueologia está vinculado ao Instituto de Artes e Ciências. É claro que uma pessoa se quiser ter uma formação arqueológica, terá, depois do curso introdutório, fazer uma especialização no Curso de Arqueologia na paleontologia da biologia humana com o Instituto de Biologia. São conexões que, evidentemente, se impõem.

Assim imaginamos deve ser estruturado o Instituto de Ciências Humanas. Concebemos que ele é muito amplo e, inclusive o partido que tomamos importa numa certa restrição no campo das Ciências Sociais, restrição essa que tem o seguinte significado: as ciências chamadas legítimas, na estrutura da Universidade contarão com uma série de Departamento, enquanto as Ciências humanas ficarão num só Departamento.

~~SPINACI BIBEIRO~~ (continuando) enquanto que as ciências humanas ficaram integradas num Departamento só. No caso dos Institutos, o ~~falto~~ das ciências humanas será um só. Isso poderia criar uma série de problemas no futuro. Mas é justificável a integração de todos num campo único, devido a uma série de problemas práticos.

Por exemplo, do caso de Filosofia fazer dela um Departamento mais ou menos independente, é obrigar os alunos a optar pela Filosofia. Nesse caso, qualquer aluno que entre na Universidade pensando em fazer curso de direito ou curso de jornalismo é obrigado a tomar certa graduação em filosofia e o Departamento é obrigado a fazer certo número de pessoas. É claro, conforme foi acentuado, que no fim da última sessão o Instituto de Ciências Humanas não dará cursos apenas para as pessoas que queiram ser especialistas dentro dessa ordem de atividades, nem dentro dessa ordem de profissão, ele poderá dar uma série de outros cursos.

Seria altamente recomendável que pudesse dar um curso de lógica, de ciências que conduzisse a um estágio obrigatório para quem quisesse ser biólogo. Certos cursos de sociologia e história poderiam ser considerados obrigatórios, no currículo de algumas profissões, de maneira a se conseguir não só coexistência física, que Brasília proporciona, não só coexistência física de Institutos, em todos os campos de saber, mas também da integração maior nesses campos e um mecanismo pelo qual se assegurasse a qualquer estudante oportunidade de aspirar à experiência de tipo diferente que hoje não pode ter. Aluno que se destina a curso de medicina, ou carreira de matemática, para ele seria conveniente saber que num prédio vizinho se ensina sociologia e filosofia e ser conduzido a tomar um curso aqui.

Esses problemas de integração serão tratados na construção do currículo, mas o próprio Instituto foi pensado tendo em vista

alcançar-se esta integração.

SR CLODOALDO PAVAN - Um esclarecimento : os alunos entrariam para a Universidade como aluno de Universidade? Depois de dois anos é que iriam para o Direito?

SR DARCI RIBEIRO - Isso quanto à estrutura da Universidade de Brasília, o aluno entra declarando que quer ser engenheiro, advogado. O aluno que entra declarando que quer ser advogado, o Reitor diz a êle : você vai no crédito de Instituto, de Ciências Humanas. Ele ficará sabendo que êle pode ser antropológico, etc.

SR CLODOALDO PAVAN - O aluno que entra com finalidade de seguir direito, terá acesso direto. Mas quem entrar para antropologia pode mudar diretamente?

SR DARCI RIBEIRO - Desde que complete os seus créditos.

SR CLODOALDO PAVAN - Isso aconteceria para medicina?

SR DARCI RIBEIRO - Sim.

Quanto ao exame vestibular, não podemos discutir neste momento. É claro que um Conselho de Universidade terá que examinar isso e irá modificando isso. De qualquer maneira, gostaria de dizer que o que temos é o seguinte : há cerca de 60 mil jovens no Brasil disputando 7 mil vagas no ensino superior. Dessas, 5 mil são da qualidade mais baixa possível. Se se oferece mais 2 mil vagas, é possível conseguiremos alunos para irem para Brasília. Todo o exame vestibular é tendo em vista não errar no critério de admissão do pessoal.

SR PAULO DUARTE - Por que linguística comparada e pura?

SR DARCI RIBEIRO - Eu não coloquei linguística.

SR PAULO DUARTE - Com a etnologia acontece a mesma dúvida.

SR DARCI RIBEIRO - É mais conveniente colocar aqui linguística pura. Um dos professores titulares do Departamento de Antropologia será o professor de linguística comparada, com sua equipe. Este professor trata da equipe geral, aplicada ao estudo das

línguas indígenas no Brasil.

SR PAULO DUARTE - É a mesma cousa que um Instituto de Zoologia comparada sem um Instituto de Zoologia.

SR DARCI RIBEIRO - A coisa hoje alcançou especialização tal que os estudos, fonemas de língua envolvem um grau de especialização tão q̃to, que o pessoal tem que ser diferenciado.

SR PAULO DUARTE - Não vejo como se possa estudar linguística comparada sem conhecer a linguística.

SR DARCI RIBEIRO - O aluno que no futuro decidirá fazer um curso, originalmente queria ser advogado, economista, êle irá fazer um curso de linguística geral.

SR PAULO DUARTE - Onde estará incluído a linguística geral?

SR DARCI RIBEIRO - No Instituto de Letras. Mas poderia estar aí. É o tal problema da bio-física e da bio-química. Tanto cabe aqui, como no Instituto de Letras.

SR FREITAS - Nesse esquema serão válidos os créditos tomados em outros Institutos de Ciências, é possível a um professor de antropologia dizer ao aluno "o Sr. precisa de um crédito de biologia?

SR DARCI RIBEIRO - Claro. O Departamento de Antropologia dará um curso geral para todos os alunos. Mas terá uma série de outros cursos, para os quais serão atraídos os alunos. O aluno que decida fazer especialização em antropologia, depois decidirá para arqueologia. No caso de ser arqueologia, terá que ser enviado para o curso de geo-ciência.

SR FREITAS - Não se exigirá geologia para ciências Sociais?

SR DARCI RIBEIRO - Isso depende. Cada carreira que a Universidade proporcionará será dirigida por uma congregação. As congregações não serão por Faculdades, mas sim por carreiras. Congregação da carreira médica - que congrega os professores da Faculdade. No currículo de uma carreira pode ser incluído o curso de

antropologia.

29/10/60
15.05 h.

DR. MOACYR - Citologia, onde ficaria?

DR. DARCY - Em Ciências Humanas. É um departamento que tende a uma expansão muito grande.

A questão da geografia, é outro problema grave. A tradição brasileira separa geologia de geografia. A geologia era tratada em livro de engenharia, sobretudo em escola de minas. Houve muitos cursos de geologia para atender a necessidades da Petrobrás.

Nós devemos ter, na Universidade de Brasília, um Instituto equivalente ao Instituto da Terra, como têm a França e Israel.

Os geólogos terão que fazer curso de antropologia, de sociologia e de economia, e tirar crédito no Instituto de Ciências Humanas. Mas a formação básica se dará no Instituto de Geo-Ciência.

DR. FARIA GOES - Não seria preferível dar ao Departamento de Geografia uma designação mais geral, segundo a qual fosse possível abranger uma série de outros cursos necessários, como estatística econômica?

DR. DARCY - Não é linha de formação de uma Universidade, colocar estatística como departamento.

DR. FARIA GOMES - Não advogo estatística, mas acho que Demografia, inscrevendo estatística e outras coisas. Talvez fosse necessário criar outra designação. Estatística Geral e Aplicada, senão, Estatística Econômica.

DR. DARCY - A estatística, na sua forma pura, é estudada no Instituto de Matemática. Aparece aqui demografia, que é estatística aplicada à ciência social.

DR. GOES - Mas não inclui a bio-estatística.

DR. DARCY - Acho que o Departamento de Demografia seria mais de âmbito nacional.

DR. VALTEER CRUZ - Dentro do Departamento de Ciências Humanas, não tenho opinião formada quanto a história e geografia; porém, a filosofia eu considero como a mais dramática subciência. Com a evolução da ciência propriamente dita, o que se fez foi sair da filosofia para nunca mais voltar. Portanto, essa proposta de metodologia de ciência ser dada justamente em filosofia, acho um contrasenso. É colocar num instituto de regime feudal uma cadeira de regime capitalista. Não compreendo filosofia em ciências humanas. Nós saímos da filosofia. Ela inclui aqueles conhecimentos que ainda não podem ser tratados pelo método científico. De modo que colocar o método científico para ser instruído exatamente na cadeira de filosofia, é inadmissível.

DR. DARCY - Há outros filósofos que poderiam responder ao Prof. Valter Cruz.

DR. CANABRAVA - Não tenho nada com relação aos conceitos dos homens. As ciências humanas, como as ciências naturais, estão se tornando uma coisa extremamente vaga. Não sei qual o limite que separa a ciência humana da ciência natural, porque não classifico a biologia como ciência humana. Se examinarmos o organismo como comportamento, ele apresenta um aspecto físico-químico. Então a físico-química seria uma ciência humana. E há leis que regem esse comportamento físico-químico do organismo. Como há também um comportamento social e político do organismo. Relacionando a classificação das ciências como ciências naturais e humanas, absolutamente não vejo o interesse metodológico dessa classificação.

Divirjo das observações do meu colega, porque o conceito moderno de filosofia defende o conceito escolástico de filosofia. No método científico, de certa maneira há uma superposição do método filosófico e do científico. Em filosofia moderna, muito poucos acredi-

tarão, senão teriam que ~~se~~ contrapor o conhecimento das essências ao conhecimento científico e verificar qual é o conhecimento que deve prevalecer diante de um problema específico, se o filosófico ou o científico.

Não podemos estabelecer limites rígidos, como não estabelecemos na ciência entre física e química. A físico-química seria mais importante do que a física e a química. Seria outro ponto dessas disciplinas intermediárias que dão cunho específico universitário. Os cursos universitários são precisamente aqueles em que as disciplinas intermediárias devem ter o mais amplo desenvolvimento.

29/10/60
15,15

Os cursos devem ter o mais amplo desenvolvimento, que permitam a interconexão entre as diferentes ciências. Temos que partir de um Conselho Básico da Universidade e um Conselho de Unidade das Ciências. Não podemos estabelecer distinção entre as ciências. Temos que admitir que o conhecimento é um só, e que método só existe um: o científico.

- Química e Matemática devem ser ensinadas no mesmo Instituto?

- Não. Química deve ser ensinada separadamente. Mas, deve haver uma disciplina intermediária que estabeleça nexos entre os diferentes cursos licenciados da Universidade. Acho que a importância desse plano está no ensino sob o ponto de vista metodológico, e sob o ponto de vista da estrutura da Universidade. Agora, quanto à parte metodológica, sob o ponto de vista filosófico, acho que há uma diferença enorme; mas ninguém discorda desde que os pontos de vista filosóficos são considerados sob o ponto de vista metodológico. Então, eu perguntaria o seguinte: qual o método filosófico capaz de estabelecer um nexo com o sentimento de angústia? Tudo não dispõe de método filosófico? No existencialismo não se faz pesquisa? Qual o método filosófico que está na base do neo-positivismo?

O neo-positivismo é, justamente, o método logístico. Mas, aqui no Brasil, se fala em logística como se fala em

disciplina filosófica. Ela nada tem de filosófica. É baseada, justamente, no método logístico. E, hoje, não há filósofo digno desse nome cuja obra não reflita a ciência de seu tempo. Ninguém poderá citar um nome de filósofo realmente digno desse nome, cuja obra não reflita a ciência de seu tempo.

Dr. WALTER GRUL - Apenas uma explicação a respeito da minha especialidade. A prova de que não sou filósofo é de que não sabia que a escolástica tinha adotado a metodologia científica. Então eu propunha que se mudasse o nome, que se tirasse aquele e se adotasse "metodologia científica",

PROF. NEWTON FREIRE - Queria fazer dois comentários a respeito de problemas debatidos: 1) todos esses nomes de Institutos devem ser entendidos em termos, porque nada pode ser entendido ao pé da letra, porque se fôssemos dar um entendimento ao pé da letra, no Instituto de Ciências Humanas teríamos que colocar a anatomia humana, a geografia humana e demais matérias do curso médico; 2) hoje foi dito aqui pelo Prof. Moussatche que os estudantes de Ciências Sociais deveriam passar algum tempo em outros Institutos, a fim de que aprendessem a metodologia científica.

Ora, assim como o estudante de Ciências Sociais precisa passar algum tempo tomando alguns cursos em outros Institutos, muitos outros estudantes de outros Institutos também deverão vir ao Instituto de Ciências Sociais. O estudante que faz um curso de História Natural sem passar pela cadeira de Antropologia, logicamente não estará fazendo um curso completo. Um

17

indivíduo que quer se especializar em Genética Humana, por exemplo, não estará bem armado para o seu trabalho se não tiver aprendido outra coisa. De modo que, como disse o Dr. Darcy Ribeiro, é preciso que haja uma viva intercomunicação. Todos devem buscar novos elementos para poder melhorar seus conhecimentos.

PROF. MARIA YLDDA - Desejava dar uma explicação, em vista da dúvida levantada pelo Dr. Darcy Ribeiro e o Dr. Walter Cruz. Inicialmente devo dizer que ainda não têm muita certeza quanto à propriedade da História dentro das Ciências Humanas. Quero dizer, entretanto, que a História está perfeitamente colocada nas Ciências Humanas. Ela não poderia ficar fora desse Instituto.

Devido, talvez, a uma tradição do século XIX, a História continua ainda entrosada com as Ciências Humanas, principalmente no setor das Ciências Sociais, em que o historiador vive nos arquivos rebuscando papéis velhos, como que numa espécie de ceticismo de conhecer a morte, na luta que a História trava com o seu cadáver. Quer dizer, usa coisa completamente passada.

Da mesma maneira que essa expressão de um historiador francês, acontece com a anatomia. O médico que dissecou o cadáver não o faz para conhecer a morte, mas para conhecer a vida. Da mesma forma por que busca coisas velhas para descobrir a vida, neste particular acho que a história é, em essência, e-

minentemente humana.

PROF. ARACY FOGUEIRA - Primeiramente quero dizer da satisfação com que as assistentes sociais acompanham o movimento de estruturação da Universidade de Brasília, principalmente porque antes de se pensar na criação dessa Universidade, já conversávamos e discutíamos com o Dr. Darcy Ribeiro sobre a necessidade de uma estruturação de toda a vida universitária brasileira; e, agora, veros a concretização desse sonho que até há pouco parecia de esperanças tão remotas.

Queria, agora, fazer um comentário sobre essa estrutura universitária em Institutos, Faculdades, etc., naturalmente limitando-me ao nosso interesse - ciências sociais e, especialmente, a sociologia. Quero fazer um esquema, de modo a dar uma impressão daquilo que compreendi do problema, discutindo e, ao mesmo tempo, levantar questões.

Uma das boas coisas criadas para a Universidade de Brasília, é quanto à flexibilidade de currículo, de se permitir uma opção por parte do aluno, sob orientação de professores ou orientadores, que têm a função de orientar os alunos naquelas disciplinas que vão constituir o seu currículo. Agora, o Instituto de Ciências Humanas parece-me que vai comportar dois níveis de ensino: um primeiro ciclo que será comum, creio, para formação...

~~(continuando)~~ - no primeiro ciclo, que seria comum para formação de especialistas em todos os ramos das ciências sociais, e neste primeiro ciclo, parece-me deveria entrar certas matérias básicas, indispensáveis à formação.

Para exemplificar, coloquei aqui, neste primeiro ciclo, de dois ou três anos, acho seria necessário um Curso de Estatística, de Demografia e Curso de Geografia, de História e eu pensei ~~que~~ ^{em} Cursos de Metodologia, no sentido ~~de~~ invocado pelo professor Fernandes, na sessão da manhã, de uma análise daqueles processos básicos de raciocínio, em que se orienta um campo científico.

Acho que neste primeiro ciclo, em todos os setores da Universidade, evidentemente a nova estrutura da Universidade, uma das vantagens dela vai ser este fato, a possibilidade de haver cursos paralelos, afins, entre os quais os alunos poderão fazer opção. Por exemplo, caso da metodologia, poderia haver um curso de metodologia da Sociologia, ou um curso de metodologia de qualquer outra ciência.

Seriam cursos paralelos, nos quais o professor poderia tratar dos assuntos ao mesmo tempo, no nível geral, em todas as disciplinas e tendo um cuidado específico, a disciplina no qual é elemento autorizado.

O aluno optaria por um desses cursos de metodologia. Haveria outras matérias, que caberiam essencialmente, e obrigatoriamente, neste primeiro ciclo, sem prejuízo da oportunidade de especialização que o aluno teria posteriormente, no segundo ciclo, ou talvez nas Faculdades.

Além das cadeiras básicas de estatística, demografia, que acho deveria ser dada massivamente, no primeiro ciclo, deveria ser dado Curso de Introdução de Economia, Antropologia. Isso de tal modo que no primeiro ciclo, o aluno, além de ter as matérias básicas para qualquer ramo de especialização, ele também teria um primeiro contato com os vários campos de ciências sociais. Entre essas matérias básicas, deve incluir história, geografia, porque para uma futura

especialização há uma certas considerações de matéria que me parecem são indispensáveis.

Um problema que me parece deve ser levantado aqui é o da articulação, enquanto o primeiro e segundo ciclo do Instituto. Aí não é um problema, mas surge um problema quando se trata da articulação do primeiro ciclo com as Faculdades e também articulação das Faculdades no seu segundo ciclo. Aí há um perigo de duplicação de atividades entre os Institutos e as Faculdades.

Eu não sei, mas com relação a alguns campos, a solução é evidente, no caso de Direito, no caso de administração ficará mais aquelas matérias de caráter normativo, enquanto nos Institutos ficarão aquelas matérias voltadas para outro campo.

Mas as carreiras que estão surgindo entre nós, em relação às quais está havendo documentos, e que vão criar mais tarde o problema de onde elas deverão ser situadas. Em São Paulo está para ser criado um Departamento para Formação de Psicólogos. Isso deveria ficar nos Institutos.

De qualquer modo, tenho impressão de que articulação entre Institutos e Faculdades decorrerá, em grande parte, da flexibilidade que se deve a ambos e tenho certeza a Universidade de Brasília, se não tomar medidas para preservar, incentivar a flexibilidade, em toda linha, tanto na estrutura, como a flexibilidade de cúpula, para aqueles que venham a frequentar a Universidade de Brasília.

De outro modo, acho a articulação se deverá fazer em grande parte por um órgão que foi lembrado pelo dr. Faria Gois, que seria o órgão constituído por especialistas e integrado por elementos das várias carreiras e êsses órgãos deveriam ter duas funções, uma seria de registrar os alunos que constituem o currículo e outro de designação dos tutores, seja elemento do corpo docente, que vão acompanhar o grupo de alunos, de modo a indicar que naquele semestre o Sr. convém que escolha entre tais e tais cursos, porque tenho impressão uma das vantagens da Uni-

versidades vai ser justamente esta.

Não é de se esperar mais uma uniformidade completa e até isso é desaconselhável no currículo dos alunos. O currículo poderá variar, de um aluno para outro, considerando as atividades e também em função das sondagens que a pessoa responsável pelas demarches para aluno irá fazendo pelo contato e convívio constante dos ~~diversos~~ serviços que estão sob a sua responsabilidade.

SR FLORESTAN - Realmente, eu fui surpreendido pela adoção, elaborei algumas reflexões que foram apresentadas pelas pessoas que me antecederam.

A primeira coisa notável é o fato de êle criar uma situação para o cientista social, que é de inferioridade, não do ponto de vista psicológico, mas do ponto de vista das condições de trabalho.

Realmente, algumas disciplinas como psicologia, antropologia, economia, já constam com possibilidades amplas para se organizar num Instituto autônomo, num pé de igualdade, como física e química, ainda que não possa apresentar uma soma de conhecimentos comprovados do mesmo valor.

Isso é importante porque no Brasil sempre é desvantagem contínua, permanente. Se a lei agora cria Universidade de Brasília, segundo esquema, as ciências sociais fazem parte de um corpo compacto ...

Os cientistas que trabalham nos outros campos da ciência não são muito equitativos em relação a nós. Nós temos uma atitude de compreensão em relação aos seus problemas. É uma atitude terrivelmente limitativa para nós. O ideal seria que houvesse uma compreensão mútua e que nos amparássemos mutuamente. E no futuro poderíamos contar com a colaboração dos cientistas.

No Brasil é conveniente a solução mais modesta, mas ela apresenta perigos graves, principalmente porque cria uma porção de limitações para o desenvolvimento da sociologia, da antropologia e da filosofia, e essas disciplinas já têm âmbito muito amplo.

O juízo é óbvio e realmente cada qual poderá considerar esses argumentos como bem entender. Mas eles não podem deixar de ser ventilados pelos cientistas sociais.

Aquela questão de ser ciência cultural, ou ciência social ou ciência humana, não me parece muito importante. Realmente eu preferia o termo social. Um professor dizia que se nós chamássemos uma ciência de humana, chamaríamos as outras de desumanas. Mas pondo isso de lado, não há dúvida de que a expressão Ciências Culturais não acarreta limitações graves.

Outro ponto a ser ventilado aqui, é a questão relacionada com a escassez de pessoal. Esse argumento está pesando na esfera da consciência de todos. Todos frizaram que a química, a física, a biologia não tem pessoal. De modo que realmente a situação é grave. E com referência às ciências culturais, a coisa é muito pior. Se nós quiséssemos ser exigentes, poderíamos levantar as duas mãos e dizer que no Brasil não existem 10 sociólogos. Como poderíamos criar um Departamento de Sociologia nestas condições? E eu respondo que aí deve prevalecer o critério de requisito ideal. Não temos pessoal aqui, mas podemos trazer de fora. De modo que não é possível reduzir o critério de possibilidade em Brasília. O critério das nossas possibilidades humanas abre todo um futuro diante de nós. Temos experiências feitas em São Paulo e no resto do Brasil que mostram que o homem é para qualquer campo, da ciência ou de qualquer setor.

Temos que pensar em ciências humanas em termos de requisitos brasileiros. É quando se tratar de trazer pessoal, precisamos ter muito cuidado. Mas apesar de todo cuidado que se teve e das normas que traçamos em São Paulo, cometeram-se erros gravíssimos. Inclusive, um grande estatístico nos deu aulas de estatística que hoje não servem para nada. Por que? Por causa da mania brasileira de supervalorizar a contribuição estrangeira. Então vamos buscar especialistas na França e na Itália, etc. É preciso selecioná-los em termos de capacidade comprovada. Desde que tenha capacidade, não importa que seja francês, italiano, até africano. Não devemos ter o ideal de buscar só nos países adiantados.

Para nós, em ciências sociais, parece que seria interessante trazer elementos de meia idade. Pessoas que estão começando não nos interessam. Quando estávamos na estaca zero, qualquer elemento era para nós excelente. Hoje precisamos de especialistas com campo definido, de cabedal científico; gente de meia idade, que já fez seu doutoramento e está trabalhando em sua especialidade, terá capacidade de conjugar sua atividade docente no Brasil.

Quando encararmos esses problemas da organização da Universidade de Brasília, não devemos ceder diante dos imperativos brasileiros. Da cooperação internacional, deve ser escolhido quem tenha formação adequada.

O terceiro ponto que eu gostaria de ventilar, está relacionado com a composição ideada pelo Darcy, para o Instituto de Ciências Culturais. Realmente melhor seria começar de forma mais modesta. Acho que seria possível reduzir tudo a 5 disciplinas básicas.

A História considero uma disciplina que progrediu do século passado até hoje, no campo de modelo científico de trabalho. O historiador pode fazer obra de cientista ou não fazer, depende dos modelos de trabalho com que opera. Não podemos colocar a História numa situação limitada, confinada num departamento, o que seria uma injustiça em relação a outras disciplinas. Antes de existir universidade no Brasil, já havia um padrão de trabalho historiográfico objetivo no Brasil. Além disso, a História apresenta programas especiais na for-

meção de arquivos, documentação, análise de diferentes sociedades, análise comparativa, etc. Para que a História não seja sufocada, é preciso que ela tenha condições reais de conexão com as ciências culturais.

29/10/60
15,15.

A filosofia deve ser tratada como algo obsoleto. Acho que, de fato, a civilização está sofrendo um impacto da ciência. Estamos nesse comportamento cotidiano, na maneira de andar, de nos locomover e até de pensar, penetrando no domínio da ciência. E todas as formas da atividade humana estão penetradas do espírito criador da ciência. De modo que a filosofia tem progredido desde Haretiis até os nossos dias, através da contribuição dada pelo avanço da ciência. Agora, isso não significa que devamos resistir. Acho que não, assim como o cientista não deve entregar a rabadura ao filósofo.

Ainda há pouco disse queo trabalho do cientista é independente do trabalho do filósofo. A ciência nasceu da filosofia, e depois ficou como que tendendo para a filosofia. É limitativa. Por que? Porque, realmente, a ciência nasceu de necessidades essenciais que a filosofia não podia resolver. Mas, ela não a suprimiu. De modo que a atitude consciente seria a do respeito mútuo. A filosofia continua a ser dona de seu domínio. O cientista não pode perder de vista, numa civilização como a nossa, os conhecimentos filosóficos, que permitem ao filósofo enfrentar e, se possível, considerar os problemas, inclusive a respeito do que fazer com o conhecimento científico e outras possibilidades abertas pelo próprio conhecimento científico.

co, e que vão cair num campo de indagações filosóficas. Por isso, seria conveniente que o cientista tivesse um interesse mais saudável pela filosofia. Mas, ao filósofo também é de su ma importância o interesse pela ciência, para que possa melhor tratar os problemas de metodologia científica, porque, o que nos faz dor de cotovelos é ver a rapidez com que o filósofo sem formação começa a discutir problemas de grande gravidade, sem a informação e a segurança necessárias. Por isso, é necessário estabelecer-se um regime de trabalho e respeito mútuo, amparando e defendendo a filosofia. A filosofia não pode desaparecer. Dessa forma, ela deverá constituir um Instituto dependente das Letras e Artes.

Apenas de sejo acentuar o seguinte: na realidade, se tomarmos a filosofia como método explicativo, vamos verificar que esse método explicativo passou por duas fases fundamentais: a do método explicativo utilizado pelos filósofos de orientação escolástica, e a do método explicativo empregado por Aristóteles, outro empregado por Descartes, outro por Spinoza, etc. Mas, o que queria dizer é que essa filosofia de métodos explicativos não podemos usá-la, por que são métodos explicativos usados no Século XVII. Essas grandes figuras que citei são todas do Século XVII.

Mas, um caso curioso: é que no Século XVII, através dos inventos de Galileu, depois completados por Newton, o que se verificou? Uma euclidização do espaço físico, que re

sultou num espaço filosófico reduzindo, justamente, a moral a postulados, a teoremas e tentando provar êsses teoremas. Agora, acho que o Senhor foi otimista - e isto é uma questão pessoal que queria esclarecer - falando em 10 sociólogos. Frequentemente, quando discuto com meus colegas filósofos, o que lhes digo a respeito do método filosófico é qualquer coisa que se resume assim: os planejadores da Universidade de Brasília estão preocupados não com a formação de artesãos: carpinteiros, pedreiros, etc., nem, provavelmente, com a formação de técnicos, mas com a formação de tecnólogos.

~~(Continuando)~~ o tecnologista no conceito moderno das Universidades inglesas e alemãs, é um grau de aperfeiçoamento profissional técnico máximo que o indivíduo pode atingir. Outro dia aqui o IBGE encomendou um cérebro eletrônico. Para mim não tem importância, ^{certos conhecimentos,} mas o importante é o tecnologista.

Hoje o tecnologista que organiza um programa de um captador eletrônico precisa de um grau de aperfeiçoamento técnico e conhecimentos profundos de matemática, hoje se admite que um captador eletrônico formula um teorema novo e demonstra este teorema, portanto no Brasil nós inventamos reatores, mas a formação do tecnologista ninguém fala. A formação técnica no estrangeiro não basta. A palavra técnica é obsoleta. Temos que falar em tecnologia.

A ênfase fundamental dessa tecnicidade deve ser ^{em} cursos e de cunho tecnológico. A medicina - não existe tecnologia do direito, embora eu seja bacharel em direito. Nós temos uma plethora de bachareis em direito. A Universidade do Brasil devia acabar com esse malefício. Nós precisamos é de tecnologia.

SR FLORESTAN - Nós estamos de acordo com o colega Fernandes, em alguns pontos. O fato de não haver um Instituto de Filosofia não deve ser encarado da maneira referida, o Instituto deve ser condição para ser criado o campo no Brasil. Eu eliminaria história e filosofia.

Quanto à demografia, acho é um Departamento que fica, por assim dizer, sobrando no esquema, porque para ser justo em relação ao assunto seria preciso tomar a posição do professor Gois. Em termos de contribuição que a demografia pode dar à compreensão das populações humanas, aí cada disciplina tem as suas possibilidades, e antropologia, nós não precisaríamos da demografia senão como técnica ou como processo de investigação. Por isso ficaria com cinco Departamentos, sob condição de aumentar mais dois Institutos no contexto ~~XXXX~~ ~~XXXX~~ geral, deixando para mais tarde a criação de instituto em relação à antropologia, economia e ciência política.

~~XXXXXX~~

Quanto à última parte que o professor Darci Ribeiro pediu que fizesse sugestões, eu devo dizer que deixando de lado a questão de currículo, o Departamento de Sociologia, naturalmente vai socorrer-se de contribuições de outros Departamentos, por isso que matérias que existem em outros Departamentos não precisarão ser reproduzidas no Departamento de Sociologia. Ele deveria ter pelo menos um título de Sociologia Sistemática, que trata de contribuições gerais da interação humana. Um Departamento de Sociologia descritiva, que iria analisar as comunicações humanas em termos de totalidade, que poderia fornecer o conhecimento básico sobre ecologia, morfologia das sociedades.

Um Departamento de Centros mais ou menos comparados, que trataria da descoberta de esquemas de classificação das sociedades humanas. Um titular de Sociologia Diferencial, ou Histórica (processo de desenvolvimento das sociedades, consideradas como sistemas totais) e um titular de Sociologia aplicada. Eventualmente poderia haver um ou outro de Sociologia Geral, matéria que eventualmente abrangesse vários especialistas sucessivamente em problemas de economia, ~~xxxxxxxx~~ indicação de análise de parentesco, etc.

Mas isso poderia ser algo muito ambicioso, o que restaria era justificar a ausência de uma disciplina como Sociologia Aplicada, dado o preconceito que existe em relação às Ciências Aplicadas, quase todos os cientistas acham impuras essas idéias que nascem de uma concepção antiquada de ciência.

A teoria de ciência, tal como se coloca hoje, graças ao sucesso da química e da física, é uma teoria que inclui no campo de trabalho legítimo do cientista todo um conjunto de problemas ligados à intervenção de controles de forças de mecanismo diante do sistema. A Sociologia Aplicada aí não é técnica social, é um campo de sistematização de conhecimentos teóricos e de questões concretas, que se dão na vida social. Aí a minha sugestão de um Departamento incompleto, inicialmente de cinco professores titulares, provavelmente todos trazidos de fora e escolhidos com grande critério.

Há outras partes a discutir, eu não sei se a nossa maneira de organizar a nossa Universidade é com Instituto Central e eu não pude estudar êsses problemas a fundo, para poder dar uma opinião. De qualquer maneira, gostaria de me congratular com o Sr. Darci Ribeiro e a equipe que pelo menos estão tentando quebrar um certo passo de higidez em nosso padrão universitário.

Mais algumas palavras. A Sociologia do Conhecimento liga-se a problemas da metodologia e sistematização teórica. Um especialista de Sociologia da educação capaz de realmente apresentar conhecimentos integrados de um campo especial, em relação a certos fenômenos sociais, por sua natureza êle, por cuírioso que pareça, trabalhando num campo especial da Sociologia, deve ser dirigido na Sociologia Geral, que é campo de sistematização teórica.

SR GUSMAO - Quais as diferentes cadeiras que poderia dar?

orador - O professor Darci Ribeiro já se referiu às diferentes cadeiras que poderia dar. Para organizar um curso de Sociologia do Conhecimento, segundo Gerwish, que é especialista de Sociologia Sistemática, a matéria poderia sair da Sociologia comparada. Poderia sair da Sociologia Diferencial.

Marx fêz uma análise do conhecimento, modelos históricos, que poderia sair da Sociologia descritiva. A maior parte dos especialistas ~~quexkigam~~ como leigos dos conhecimentos, discute a situações históricas sociais completas. Em termos de cursos especiais, o problema não existe. Existe em termos de padrões intelectuais.

Se não houver mais alguém que queira formular perguntas, agradeço a atenção da Mesa, a generosidade de todos.

Tenho dito.

29/10/60
16.05 h.

DR. CEISO FURTADO -- Quando ao Departamento de Economia, não vou fazer referência ao aspecto mais geral, da criação do Instituto e se a economia ficaria bem isolada, porque escaparia ao objetivo neste momento. O problema é saber-se como se pretende fazer o Departamento de Economia.

A economia, no Brasil, é ensinada dentro do método científico, isto é, não temos economia, seja como pesquisa sistemática, seja como análise dos processos com os quais nos defrontamos. Temos no Brasil escolas de economia.

Temos que evitar repetir, na Universidade de Brasília, a escola clássica de economia, que deriva das velhas escolas de direito e consta simplesmente de uma ciência descritiva, lida e aprendida em livro.

Um Departamento de Economia na capital da República, deverá desempenhar função de grande importância como centro de trabalho intelectual de nível superior. Qualquer governo tem que estar permanentemente tomando decisões que pretendam influir no processo. Essas decisões têm papel nos processos econômicos. A finalidade da Faculdade de Brasília é capacitar o governo com esse assessoramento. Parece-me que tem aparência com limitações de ciências humanas. Em Brasília ninguém vai utilizar economia no sentido de utilidade mais imediata do que aquela que aborda o problema econômico do país. Um departamento de economia propriamente dito, tende a imprimir, naqueles que pretendem ser economistas, uma idéia muito clara do método em que se baseia a economia. As pessoas que estudam economia não se apercebem do método que utilizam no seu trabalho. Este é o primeiro problema do Departamento.

Nesses dois anos iniciais, temos que dar uma idéia muito clara de que os métodos utilizados no problema econômico não podem ser separados do Departamento de Matemática. A economia mais moderna se utiliza da matemática mais moderna e uma economia em atividade mais moderna possui formação no departamento de estatística superior.

O primeiro papel de atuação diz respeito à economia aplicada.

Os departamentos de economia que vemos nas universidades em outros países do mundo, são principalmente departamentos de economia aplicada. Trata-se, na organização, de sistematizar todo material disponível para o processo social que vai ser objeto de análise do economista, para poder ser submetido ao método. O economista geralmente aborda um problema social que pode ser quantificado, portanto, exige um imenso trabalho de estatística. Quando um economista fala em processo inflacionário, pensa em uma série de dados que têm que ser quantificados, o que exige uma massa enorme de trabalho de estatística. Isto não significa que o economista vá fazer estatística, êle vai pegar todo material referente ao processo econômico e realiza trabalho de tabulação, e de aplicação ao processo econômico de análise histórica.

Portanto, êsse departamento de economia aplicada tem que ter um grande setor de estatística econômica. Quando o economista realiza o seu trabalho, precisa saber, no momento exato os índices gerais. Tem tudo tabelado em função de uma pesquisa. Portanto, depende do departamento. Por exemplo, se o economista precisa saber de que maneira se aplica à pressão inflacionária o problema relativo aos estoques de café, êste é um problema simples de análise econômica própria-mente dita, mas êle precisa saber das implicações a longo prazo, dos desequilíbrios atuais e como se vão apresentar daqui a dois anos. Tem que formular uma hipótese nos processos que estão em curso.

Limitar o departamento de economia aplicada, departamento que realiza grande trabalho no Brasil, não será interessante numa Universidade como a de Brasília, que tem uma missão muito alta a cumprir. Além disso, a economia deve ser ligada à ciência política.

29/10/60
16,15.

Dr. DARCY RIBEIRO - Os próprios Institutos fundamentais são, de certo modo, também profissionais: formam físicos profissionais como pesquisadores. Mas, como profissão formam-se economistas profissionais naquelas coisas básicas.

- Há muitos anos que estudo, mas não consigo diferenciar o que é básico e o que não é.

Dr. DARCY RIBEIRO - A minha idéia é de que no Instituto de Ciências Humanas, como no de Matemática e Engenharia, o economista deveria fazer um certo número de cadeiras básicas. Depois, então, ele iria para a Faculdade de Economia para concluir o curso como profissional.

Dr. CELSO FURTADO - O economista tem que se dedicar à pesquisa.

PROF. LEITE LOPES - Para não prejudicar os outros Institutos, vamos ouvir outros relatórios, para depois, então, continuarmos a discussão, porque estamos correndo o risco de ficarmos discutindo só Ciências Humanas e não termostempo para discutirmos Artes e Letras. Com a palavra o Prof. Fábio Macedo Soares.

PROF. FÁBIO M. SOARES - É impressão unânime dos geógrafos que devemos pleitear um Instituto, por achar que a Geografia merece, também, ter o seu Instituto. Mas, acho difícilimo enquadrar a Geografia no Instituto de Geo-Ciências ou Geografia

Humana, porque a Geografia existe nos dois setores. Entendo que a Geografia está intimamente ligada, não havendo possibilidade de separá-la. Por isso, acho que a única maneira de se estudar convenientemente a Geografia sem quebrar essa unidade, seria colocá-la num Instituto à parte.

PROF. LEITE LOPES - Dentro da Geologia?

PROF. FÁBIO M. SOARES - Naturalmente, os alunos de Geografia precisariam frequentar algumas disciplinas do Departamento de Geologia, até mesmo do de Biologia.

16.25 (29)

SR CELSO FURTADO ~~(continuação)~~ - o economista formado na escola tem pouca idéia da macroeconomia. Para corrigir isso, começamos a procurar um homem que tenha uma certa formação matemática.

É melhor ter um economista mal formado que apenas aprendeu uma coisa no livro e sem base matemática. Temos que partir de um pequeno núcleo de pessoas. A pesquisa vale muito mais do que a qualidade. Quase tôdas as pesquisas fracassaram por causa de um só bom pesquisador. Na CEPAL, que é o maior centro econômico da América Latina, começaram com quatro ou cinco pessoas. Um homem começando bem, faz muito.

No Brasil economista talvez não haja um. Os poucos que conheço não fazem economia, fazem outras coisas mais "brilhantes". No meu programa, teria que começar com pouco grupo para iniciar o Instituto no Brasil e formar dentro do próprio Instituto. Para isso teríamos que escolher a melhor gente e mandar gente para fora, porque é indispensável aprender fora economia convencional. Depois, creio que em quatro ou cinco anos poderíamos ter um núcleo de pessoas.

Acho trinta elemento seria ótimo. Isso durante dez anos. Eu estou convencido de que é possível formar trinta elementos mesmo partindo de dois ou três.

SR FLORESTAN - O Sr. refere que acabaria vendo a situação brasileira por modelos inadequados e que o melhor seria formar o cientista aqui. De um lado, eu acho que na metodologia já aconteceu aqui. O especialista estrangeiro, desde que opera com modalidade científica, pode corrigir os modelos, desde que se dispõe de trabalho de investigação e elabore o trabalho, êle retifica.

De outro lado, os economistas, em virtude de parte da contribuição dos cientistas econômicos, de países subdesenvolvidos, mas em parte também de países da ONU, ONESCU, serem êles, já estão

levando em conta essas diferenças de modelo.

Eu acho que há formação econômica, de economista, até quando a situação nacional se torne diferente.

Segundo - se a economia não está tendente a tomar em consideração na teoria geral essas diferenças.

SR CELSO FURTADO - A economia política é uma ciência mais "agachée", comprometida com os problemas do que a Sociologia. Resultado : é mais difícil o homem se enxergar. Segundo - economia política obedece a modelos muito mais rigorosos que qualquer outra ciência social.

Keynes, para poder rompêr os modelos convencionais foi preciso uma verdadeira revolução econômica. Para romper o recurso da lei de Say, foi preciso uma autêntica revolução, que se considerou como coisa nunca vista. Por que?

- É preciso ir contra certos preconceitos, certos princípios que já estavam sistematizados no pensamento dos economistas. Todo o seu pensamento, sua ordem mundial vinha a baixo. Quando nós pensamos em termos, nós pensamos em modelos convencionais, que são grandes, como eu vejo nas discussões internacionais, nós fazemos um Seminário aqui, trazemos professores de Harward e conversamos. Quando nós conversamos chegamos a transações práticas, mas quando se trata de ir ao fundo dos problemas, aí se percebe que tôda transação é na superfície.

SR FLORESTAN - As teorias de List já forneciam explicações em relação aos modelos de incorporação prática.

SR CELSO FURTADO - A contribuição de List nunca foi aceita como ciência, ela nunca foi obedecida como método, era opinião discrepante da heterodoxia. Keynes rompeu os modelos, abriu a janela e olhou para a frente.

SR FLORESTAN - Eu percebi que os economistas estrangeiros são capazes de perceber pelo menos certas discrepâncias.

SR CELSO FURTADO - Todo o trabalho da CEPAL foi um trabalho crítico, mas não se teorizou ainda. Não pode ser submetido

a uma crítica sistemática, teórica. A Universidade de Chicago está organizada para botar abaixo tudo o que fizemos. Fêz um acôrdo no Chile para anular isso.

SR CANABARRO - Não se trata de corrigir modelos. Por exemplo, a transição da física-química para a moderna foi a substituição do modelo mecânico pelo modelo eletromagnético.

O que se deu com Keynes todo o seu preparo matemático, o que se deu nêle foi substituir êle um modelo inoperante por um modelo operante.

SR CELSO FURTADO - Para substituir é preciso uma nova teoria.

29/10/60
16.35 h.

DR. JOÃO MENDONÇA - Eu desejaria fazer uma pergunta e com ela justificar a excelente atitude da Comissão ao colocar a Filosofia no Instituto. Perguntaria ao Dr. Celso Furtado se a sua economia é inumana, se ela é desumana, se o último objetivo da economia não é o bem-estar humano, a meta humana. Pelo que êle diz, o que se pretende é fazer o desenvolvimento econômico esquecendo a meta humana ou a presença do homem. É necessário justificar o caráter humano da economia, já que o Brasil está empenhado em deixar de ser colônia.

Minha pergunta é se sua economia é inumana ou desumana, e respondo que sua economia deve visar o homem. Por consequência, está bem colocada, não só como teoria geral de ciência como teoria particular de economia ou epistemologia.

DR. CELSO FURTADO - Não podemos de nenhuma maneira começar pela economia aplicada, senão estaremos limitando nosso trabalho científico.

DR. RANGEL - Acabamos de ouvir a exposição do Prof. Celso Furtado, que foi muito substancial. Estou de pleno acôrdo com o que êle disse. Há alguns anos atrás li um trabalho publicado - o livro "Índia Econômica" - e observei que a língua inglesa tem dois termos parecidos para dizer economia. Imagino que a ciência econômica é uma coisa só para o resto do mundo. E o livro dizia exatamente isto que o Dr. Furtado acabou de nos falar. De tal maneira a ciência econômica se conjuga nos padrões culturais que desligar uma coisa da outra é difícilimo. Em ciência nós podemos unificar uma coisa com outra, mas não nos entendem, de maneira geral acham uma coisa meio louca. No caso da economia, há uma porção de modelos que não se aplicam em outro âmbito qualquer.

Quero chamar a atenção dos presentes para uma particularidade que tem o Departamento de Economia dentro do Instituto de Ciências Humanas: Todos os outros departamentos que o Dr. Darcy referiu, não têm faculdade correspondente. Dentro do estudo de economia se forma-

rão economistas como se formarão antropólogos e assim por diante. Precisamos estudar o departamento de economia levando em conta que vai haver uma faculdade de ciências econômicas. Parece-me que esse departamento tão brilhantemente esboçado pelo Dr. Celso Furtado descreve melhor o que será a Faculdade de Economia. Então, o que se vai fazer na Faculdade de Economia?

DR. CELSO FURTADO - O Departamento é para fazer pesquisa e dar as disciplinas fundamentais. Na Faculdade de Economia propriamente dita seria para formar profissionais.

Se o economista vai trabalhar para empresa privada, precisa ter grande conhecimento dos dados econômicos da empresa, e as bases para esse conhecimento ele aprende na faculdade. Se vai trabalhar para o governo, terá que se especializar. Na Faculdade se formarão economistas que serão pesquisadores. Se vai fazer ciência econômica internacional, na Faculdade de Economia terá que ter uma cadeira correspondente.

37
29/10/60

16,45

Mas, o economista normalmente entende de ciência aplicada. Na Inglaterra êle trabalha sob uma direção institucional, que êle aceita voluntariamente. Num país de formação como o nosso, os elementos institucionais do processo econômico - e aqui cabe uma crítica a fundo dos elementos que estão por deter qualquer processo econômico - a política econômica, a ação do Govêrno - são, em grande parte, uma tentativa de correção e orientação dos próprios elementos institucionais, que são a armação do processo econômico, digamos, do processo de formação da renda.

Quando apresentamos uma lei ao Congresso Nacional, apresentamos, na verdade, uma lei que busca criar facilidades para corrigir os êrros d'esses elementos institucionais. Portanto, dentro de um Departamento de Economia, teríamos que ter uma Divisão especial para estudar os problemas propriamente da política econômica, Eu, inclusive, indiquei três grandes campos que são de interêsse imediato: 1º - o estudo dos aspectos institucionais mais gerais....:(1ê).

P A L M A S

Prof. JAIME TIOMBO - De um modo geral, em todos os outros Institutos e Departamentos houve uma preocupação muito grande sôbre a questão do pessoal, não apenas sôbre qual deveria ser o pessoal mínimo com que se iniciariam as atividades,

mas ainda sôbre quais seriam as possibilidades de se conseguir êsse pessoal mínimo, não apenas pelos meios existentes atualmente, mas por uma intensificação de programa de treinamento. De modo que gostaria de receber sua opinião, primeiro: sôbre o mínimo de pessoal com que se poderia funcionar; e, segundo, sôbre as possibilidades de, na prática, atingir-se, realmente, êsse mínimo.

Dr. CELSO FURTADO - Devo dizer que a dificuldade é tão grande no Brasil para se conseguir um pequeno grupo de economistas, dada a qualidade dos economistas; é tão grande a dificuldade, que se provou ser muito mais fácil pegar-se um engenheiro e fazê-lo economista em 6 meses.

SR MACEDO SOARES - Então no Departamento de Geografia teremos geo-humana. Se estivesse no Instituto de Geo-ciência, teríamos geo-agrária, estaria no Instituto de Geo-ciência em vez de estar junto de matéria muito mais relacionada. Esse o problema que nos pareceu difícil de resolver, a inclusão da geometria.

SR DARCI RIBEIRO - O princípio estrutural básico da Universidade de Brasília é evitar a duplicação. Não é considerável a geologia, seja ensinada num lugar com professores e equipamentos, daí a idéia de adotar o sistema que aceita a Universidade de Israel, que organizou um grande Instituto de Geo-ciência, a mesma coisa fêz a França.

É um Instituto global, que é capaz de formar tanto geólogos, como geógrafos. É claro que há o problema de disciplinas, metas e o geólogo teria que fazer grande parte de suas defesas humanas. Há uma série de Departamentos que a gente teria que pensar onde colocar.

O princípio básico é não aumentar muito o número de Institutos básicos. É claro que se um Departamento cresceu muito, passará à parte.

Acho no ensino superior brasileiro uma distinção muito nítida entre geologia, praticamente da escola de mineralogia. A reforma do ensino na Faculdade de Filosofia, separando geografia de história, deu caráter mais brusco ao curso de geografia. Deu mais expansão.

Ora, se adotássemos na Universidade de Brasília este modelo, significava fazer uma unidade duplicativa. Não se poderia ensinar geo-morfologia. Isso é uma sugestão e quem vão resolver essas sugestões são os especialistas.

SR MACEDO SOARES - No caso da geografia havia esta dificuldade, entretanto talvez pudéssemos aceitá-la. Entre os dois, geo-ciências humanas e geo-ciências, achamos preferível Geo-ciência.

É apenas a observação que desejo fazer.

SR PEDRO GAIGUER - No nosso entender, haveria um Ins-

tituto central, independente para as ciências geográficas. Contudo, aceitou-se a inclusão no caso da impossibilidade inicial no grupo de Geo-ciência.

Acho é preciso levar em consideração que a geografia tem uma amplitude tão grande que seria difícil, numa organização dê-se Instituto, manter apenas um Departamento. Na verdade, trata-se no caso não propriamente de geografia, mas sim de agrupamento de ciências geográficas, ciências no qual o problema ~~xxxxxx~~ essencial é a distribuição dos fatos ligados aos problemas das diferenças regionais.

Nesse sentido, o ramo da geografia é tão numeroso que seria difícil ter somente um Departamento de geografia. Lembro a importância do oceano (petrografia, biogeografia, hidrologia) no grupo da parte física da geografia - geografia da circulação, geografia humana, demogeografia (geografia das populações). Apresento êsses dados para chamar atenção da vastidão do campo da geografia, que vai atingir a profissões diferentes, porque um engenheiro de estrada conhece alguma coisa da morfologia, da mesma maneira que os economistas teriam de conhecer a geografia da população, ou geografia agrária, da mesma maneira que um urbanista teria que conhecer geografia humana, de modo geral.

O conhecimento geográfico é tão vasto que diversas profissões tem relação indireta que seria válido mais de um Departamento de Geografia, no conjunto do Instituto de Geofísica.

SR DARCI RIBEIRO - O Instituto não é obrigado a ter dois Departamentos, alguns tem quatorze. Poderiam ter mais.

S/R PEDRO GAIGUER - Era isso que queria frisar, a grande quantidade de conhecimento dos ramos da geografia, que ~~perm~~ permite a organização de diversos Departamentos.

SR WALTER - Tenho algumas divergências. Eu acho aqui no Brasil a geografia já se desenvolveu bastante e a geologia também, e vamos ter atritos. Por exemplo, nesse tal Instituto Geo-ciências,

se o Diretor fosse um geólogo, êle considera todos os geólogos vigaristas. Todas as verbas vão para a Geologia.

Se êle for para Ciências Humanas, o geólogo é um gaiato, que se diverte em colecionar pedrinhas e no fim não faz nada de prático. Nós somos os martinais que estamos fora tanto em ciências humanas, como nas ciências chamadas~~s~~ prévias. O resultado é que temos que ficar um pouco à parte.

Quanto à questão da Geo-ciência, tenho sérias dúvidas. Eu conheço o Instituto de Geografia da Universidade de Paris, e o de Strasburgo, mas não conheço nenhum Instituto de Geo-ciência na França, pelo menos de relevância.

Quanto à Israel, a situação de Israel no campo de geografia, tenham paciência, estamos melhor, pelo menos temos uma repartição do Governo dedicada à Geografi e Israel não tem. Se é assim, devemos criar um corpo, um Instituto que afinal de contas tenha sua independência. Em Strasburgo, criaram um centro de geografia aplicada, que dá renda para o Instituto.

29/10/60
17.05 h.

Se nós queremos criar um departamento de geografia que tenha finalidades práticas e não apenas para professores, a única coisa que se poderá fazer será a criação do Instituto de Geografia. Com muito mais razão do que no caso da história, porque a história é uma ciência profundamente humana. Cortar-se a geografia pelo meio é um contra-senso, porque tira-se a unidade da ciência. Nós somos especialistas em generalidades.

PRESIDENTE - Pergunto se a geologia não poderia ser incluída no ramo da Faculdade de Tecnologia. A Paleontologia não, é uma coisa à parte. Precisaria ver quais os Institutos que deverão entrar para a Faculdade de Geologia.

DR. DARCY - De fato, minha proposta foi intempestiva. Já tive consciência disto. O Dr. Valverde tentou me convencer, mas eu verificava que a formação do geólogo é em grande parte comum. Numa estrutura de Universidade nova, que pretende concentrar recursos de laboratório e de equipe de pessoal, tem dificuldades transcendentais.

No caso das Ciências humanas, houve reação por parte de várias pessoas, na maior parte discussão semântica. Coloca-se outra palavra. Mas pela presença da filosofia, não se podia simplesmente chamar de ciências sociais. Há uma tradição antiga de ciências humanas que se poderia exumar para usar.

A alternativa de criar uma filosofia à parte, não me parece interessante, porque seria uma coisa pequena e não teria quase alunos. Como departamento de ciências humanas, todo economista terá que fazer filosofia. Então, do ponto de vista do próprio filósofo, me parece que era necessário colocar ali.

Nós tínhamos dois problemas para resolver. Primeiro, a Universidade precisaria dar um curso de geologia não apenas voltado para o petróleo, mas de formação de pedólogos. Um instituto capaz de dar esse tipo de formação de especialistas, que tem muita matéria comum com os geólogos. Daí eu ter pensado em reunir num grande ins-

2.

tituto geologia, geografia, etc. Seria de todo conveniente, nesse caso, que o especialista fizesse curso de ciências humanas. É o princípio estrutural é oposto ao vigente no Brasil, que é a faculdade estanque, simulando uma faculdade em miniatura. No caso da Universidade de Brasília o caso é oposto, obriga o aluno a frequentar vários departamentos diferentes. Penso que tendo laboratório e biblioteca comuna, facilitaria e isso não seria multiplicado. É claro que isso se fará com apêlo a outros Institutos.

44
29/10/60
17,15

Essa estranheza decorre do fato de se ter dado uma subdivisão tão generosa em relação às Ciências Física, conferindo-lhe tão logo a possibilidade da sua existência no Instituto de Matemática, Física, Química, Biologia, e não se ter dado o mesmo critério a respeito das Ciências Humanas. Do ponto de vista prático isto tem consequências. Se nós tivéssemos, por exemplo, o Instituto de Ciências Física, o Instituto de Ciências Biológicas e o Instituto de Ciências Humanas, a questão se apresentaria sob outro aspecto; mas com essa discriminação, acabará havendo consequências de ordem prática que em muito vão interferir na política da ordem universitária. E o que vai haver nos Conselhos Superiores da Universidade é uma imposição pelo prestígio do setor de Ciências Físicas, com possibilidades de uma espécie de predomínio, que vai interferir no problema orçamentário de maneira muito efetiva. Tenho uma experiência muito grande disso, na Administração da Universidade do Brasil, e bem sei as consequências que trás esse problema.

Dr. DARCY RIBEIRO - Quero apenas esclarecer o seguinte: em primeiro lugar, era necessário fazer-se Física e Matemática como Institutos à parte, porque matemática é dada para todos os alunos de engenharia. Então, suponhamos que o Instituto de Matemática tenha mil alunos, o de Física mil alunos, e o de Química 1 500. Ora, provavelmente, o de geo-ciências nunca teria mil alunos! E, exatamente para lhe dar força maior e mai

45

or economia de recurso, foram êles reunidos, tanto mais que não há um desafio tão grande entre um e outro. Agora, quanto ao aspecto fundamental, a Universidade do Brasilia terá como órgão supremo a Congregação de Carreiras. Digamos, a Congregação da carreira médica: nela tem lugar todos os Institutos Básicos e Faculdades de Medicina. A Congregação de Farmácia é a mesma coisa; a Congregação da carreira de geologia, e tantas outras Congregações. De maneira que isto deve ocasionar um equilíbrio. Existem registradas no Brasil trinta e poucas carreiras de ensino. A Universidade de Brasília poderá ter mais de 50. No futuro ela terá mais de 100.

- Quem vai deliberar em última
análise?

Dr. DARCY RIBEIRO - O Conselho Diretor. O Conselho Diretor está para a Universidade de Brasília, como o Govêrno está para as Universidades Federais. Só que o Govêrno se apresenta unipessoal e meio irresponsável.

Sr. MÁRIO PEDROSA - O papel da Geografia na Universidade de Brasília é tão importante quanto o papel da Economia, por dois motivos: primeiro, porque a Geografia é uma ciência dinâmica; segundo, porque tem um papel muito importante na remodelação da cidade, principalmente de Brasília. A geografia apresenta, pois, como a Economia, um papel extraordinariamente relevante para a própria sôbrevivência de Brasília. Assim, cha-

mo a atenção dos Senhores, para a necessidade de se criar um quadro de geógrafos.

PROF. LEITE LOPES - Podemos encerrar a discussão sobre geo-ciências, porque temos uma série de outros assuntos a tratar. O Dr. Mário Pedrosa desejaria falar sobre o Instituto de Artes.

Sr. MÁRIO PEDROSA - O problema do Instituto de Artes para Brasília é, também, dos mais delicados.

(continuando) — Brasília é fruto de uma alta consciência métrica. Quando se fala em Instituto até na Europa se tem em vista a história da arte e arqueologia.

Não se pode porém concentrar esse ~~conceito~~ de conceito ~~de~~ Institutos de Arte, apenas em plano de história de arte. Na Europa, nos países de alta tradição artística, parte-se sempre de um ponto de vista privilegiado, no curso da história, todo Instituto de Arte na Itália, apesar de examinar a história das artes, através das idades, se centraliza como estudo fundamental do renascimento. Na França também, se parte do século clássico e assim os outros países, de alta tradição histórica e artística.

Já por aí, o nosso Instituto se se limitasse à história da arte, e não poderia ser equiparado aos velhos Institutos europeus, porque a nossa característica fundamental é ser um país moderno, país culturalmente em formação e artisticamente em formação.

Por exemplo, eu conversava com um professor da Sorbonne, e outro de Roma, a respeito desses problemas e quando se falava em ~~especialização~~ especialização, eu dizia será impossível termos um especialista em ~~etnologia~~ ~~etnologia~~ ~~(história da)~~ etnologia (história da arte etrusca) e assim por diante, não poderíamos ter especialização da pintura lombarda italiana, como hoje entretanto qualquer estudante brasileiro está fazendo especialização em ~~Paris~~ Paris.

Temos, portanto, um ângulo de visão inteiramente diferente, e por isso o Instituto de Arte, que não pode ter essas limitações culturais e tradicionais dos Institutos europeus de um lado.

De outro lado, nós não podemos, quando se fala em Institutos de Arte, pensar em o que também uma nova academia de belas artes, para formar, dar o diploma de poeta e auscultor e gravador, isso hoje é impossível.

O problema é pois de outra maneira, não se trata de formar artistas privilegiados, numa escola, porque os artistas geniais se formam fora de escola, pode ser o mais analfabeto e será um grande

artista, como já temos visto.

Agora é necessário formar personalidades que tem especial sensibilidade, personalidade que se querem dedicar ao estudo e conhecimento abstrato da arte. É preciso preparar para êsses uma escola. Mas é uma escola inteiramente diferente e a minha proposta é que se faça aqui esta combinação, tirando-se a experiência extraordinária da Bauhaus, na Alemanha e depois no Instituto of Design, em Chicago e ultimamente em Ulm, na Alemanha.

Hoje procura-se dar aqueles que vão estudar naquelas escolas um sentido novo, o sentido da boa forma, o sentido de uma adequação perfeita da forma e do objeto. É preciso dar uma cultura moderna e para começar, esta cultura moderna para preparar as sensibilidades, é necessário colocar os estudantes num meio cultural e tecnológico moderno.

Para isso é indispensável que haja uma iniciação prática, para todos que entrarem para o Instituto, no manejo dos materiais modernos, da pedra, vidro, barro, ferro, plásticos.

Depois, o uso desses instrumentos, dos instrumentos necessários para a manipulação e para dar forma e construção a êsses materiais. Essa é uma indicação de ordem sensorial.

É impossível se formar hoje um artista e mesmo um homem de nossa época sem este treino, sem este contato moderno com os materiais. A outra parte consiste numa espécie de Sistemática cultural, aí se estudarão as disciplinas fundamentais relativas ao conhecimento daqueles materiais. A história da arte será dada sem ponto de partida, privilegiado. Ao contrário, o resultado desta longa conversa com professores, que tive, no estrangeiro, nós temos a vantagem de auge do atual para o fundo da história. Porque também temos esta função principal, imediata, de preparar não só o gosto do público, mas também o sentido das formas, a educação pelo sentido, que é adequação do objeto.

Então além da história da arte, da história, também

de tecnologia paulatinamente, inclusive os elementos essenciais da teoria da recepção, na psicologia moderna.

Eu poderia desenvolver essas idéias, mas vou passar para o terceiro ponto, que é o da estruturação formal. Aí passamos para essas Faculdades de especialização. Antes, na primeira etapa, no manejo da forma, no uso do manejo, dos materiais, no uso dos materiais dirigidos pelo professor, os objetos aparecerão as formas sob seus aspectos externos. Se estudar o terreno, a construção, a metodologia, os materiais, segundo a forma, volume, cor, o espaço, o tratamento das superfícies, as camadas que ficam entre essas coisas, porque aí o aluno sai daí com um preparo material e não apenas livresco, estudos, senhor dessa ciência extraordinariamente instável, que é o contato direto do homem com as coisas e a matéria.

Daí nascem as intuições artísticas e a fonte da sensibilidade, principalmente num país como o Brasil. A outra parte, que é a parte da estruturação formal, essa será a especialização.

29/10/60
17:35 h.

Onde se estudarão as técnicas do nosso viver cotidiano: a tipografia, o filme, a edição do livro, a maneira de expôr, isso é dado numa faculdade ou num departamento de comunicação visual? Do mesmo modo, desenho industrial. Brasília está em formação, precisa de cadeiras, de mesas de copos, de ônibus e precisa que tudo seja construído da melhor maneira, com meios econômicos e estudado de forma mais adequada para funcionar. Aí nós estamos fazendo uma obra de arte, como em épocas anteriores se fazia obra de arte quando se fazia um copo, uma mesa ou uma cadeira, como hoje examinamos como obra de arte a velha cadeira egípcia.

Em nossa Faculdade, o desenho industrial poderá também ser experimental, porque não se pode admitir hoje que não se faça projeto de desenho industrial. É coisa concreta. De maneira que precisa pensar em estudantes e professores, em material de consumo para os próprios desenhos industriais e todos os objetos de nossa vida, da nossa civilização.

Então em arte seria encaixada arquitetura e planejamento urbanístico. Hoje a arquitetura deve formar-se também numa base de preparação educacional com as coisas e não apenas com as teorias e com as operações de ordem matemática.

Para que o instituto de história da arte num país em que nós não temos por assim dizer noção de obra de arte; a não ser uma pequena parcela de barroco, muito pouca coisa temos? Então nós precisamos, para o estudo da obra de arte não ser tão abstrato, de um museu de história pedagógica, que ainda não se fez no mundo com essa envergadura que eu imagino, de suprir a deficiência dos museus americanos quanto às suas coleções. Não há museu americano, mesmo os melhores no plano das artes, que não tenha vácuos enormes, intransponíveis. De modo que não se pode dispensar um museu onde toda gente poderá fazer uma excursão através da história da criação artística do mundo até os nossos dias. Teríamos arte sumeriana, egípcia, chinesa e obras de arte original, mesmo uma cadeira, e partir daí para uma série de ensinamentos e deduções históricas da evolução da civilização até a técnica

moderna.

APARTEANTE - Como o Sr. colocaria a atividade de arte chamada escultura?

Dr. Mário Pedrosa - Quando se estuda a obra pela forma do objeto, se estuda escultura. Quando se estuda espaço e volume, estudam-se as expressões artísticas tradicionais.

APARTEANTE - Que atividade resulta do estudo da arte pura? Estaria na formação profissional?

Dr. Mário Pedrosa - Ficaria nos dois anos iniciais do curso. É claro que o artista que escolhe a indústria gráfica ou de tecidos, ou técnica de madeiras de construção, se tem sensibilidade, pode fazer obras excepcionais.

DR. MOACYR - Eu queria agradecer ao Prof. Mario Pedrosa pelo brilhante discurso super-rápido que fez, dando uma visão do futuro museu de Brasília. Vemos que o museu estaria em ótimas mãos, pelo conhecimento e espírito humano do prof. Mário Pedrosa. Nos deliciamos, eu e minha senhora, com a sua idéia de estabelecer em Brasília um museu que reproduz no Brasil a história completa dos nossos conhecimentos artísticos. Quanto à nossa deficiência de trabalhos originais nas artes, eu queria dar ao professor uma notícia: que em 1935, quando eu e minha família voltávamos de um estágio na Alemanha, eu como apreciador apenas e minha mulher e minha filha como artistas, pela primeira vez minha senhora deu a idéia de um museu de estilo. Idéia dela original, com litogravuras maravilhosas. Agora vai-se fazer em Brasília. Queria somente felicitar o professor e me felicitar, porque quando apresentei ao Darcy a idéia de museu de arte, coloquei-o nustamente na esquina do plano piloto de Lúcia Costa, por considerar que esse museu Mario Pedrosa deve ser a porta de entrada da população de Brasília para o campo universitário. A porta de entrada burocrática é pelo cen-

tro, mas a do povo está no ângulo de entrada do plano piloto monumental de Lúcio Costa.

PRESIDENTE - Tem a palavra o Prof. Castro Faria.

PROF. CASTRO FARIA - Voltando ao tema do Instituto de Ciências Humanas, acho que se tentarmos sistematizar um pouco as discussões ocorridas aqui em torno do problema, chegaremos à conclusão de que elas se concentram em três itens. O primeiro, o do problema da dimensão do Instituto de Ciências humanas.

29/10/60
17,45

O primeiro é o problema da dimensão do estudo de Ciências Humanas, porque no Projeto inicial se teve ocasião de justificar, inclusive, o fato de se haver, propòsitamente, concentrado dentro de um Instituto designação única, singular, algum Departamento que, na realidade, não poderia constituir, dentro de um procedimento metodológico racional, um Instituto único.

E, vemos logo em seguida, como o Prof. Fernandes propôs a retirada de três dêsses Departamentos, para constituir Institutos diferentes. Esse é um problema, evidentemente, de suma gravidade, problema muito sério, considerada a estruturação total da Universidade. Mas, há outro problema que resulta, naturalmente, da necessidade de apertar devidamente cada um dêsses Departamentos, quer fiquem dentro do Instituto, quer sejam retirados para constituir outro Departamento.

Outro problema também muito sério que surgiu aqui, foi o da diferença existente entre a formação de profissionais ou professôres em carreiras tradicionais já regulamentada, e a formação de pesquisadores em carreiras novas. É o caso, por exemplo, da Antropologia. Creio que todos estão informados de que no Brasil acontece uma coisa extremamente estranha: a existência de quadros de antropologia em tôdas as Faculdades de Filosofia, isto é, existem 57 Faculdades de Filosofia, existindo,

portanto, 57 especialistas em Antropologia.

- Exatamente, o anacronismo reside nisso. Existem 57 Cátedras, 57 professores, mas nenhum curso. A Antropologia não é uma Cátedra nem do curso de Geografia, de História ou de Ciências Sociais; mas, nunca houve um curso de Antropologia. É o que chamo de organização oficial e compulsória. Então, não quero discutir esse problema, que é muito complexo, mas chamar a atenção para a diversidade de situações.

Já foi focalizado o fato de que no Curso de Relações Humanas e Antropologia vai figurar como um Departamento; mas, não há a Faculdade correspondente. Então, temos que pensar muito seriamente, porque esse Instituto de Antropologia vai ter que formar professores de Antropologia como, também, antropólogos.

~~(continuando)~~ - aquelas carreiras para as quais não temos nenhum curso de formação, seja para professorado, seja para pesquisa, deve ter tratamento muito diferente daquelas carreiras tradicionais, regulamentadas.

O problema é profundamente diverso, sobretudo este da antropologia biológica, situada dentro de um Departamento de Ciência Humana. É o ideal de antropologia, que o antropólogo especializado em antropologia cultural tenha o mínimo de conhecimento em antropologia social, ou cultural. Mas isso é muito diferente da formação do especialista em antropologia biológica.

Hoje, na antropologia americana, o especialista tem uma cadeira de primatologia. Não se compreende que não tenha curso de primatologia e conforme sua especialização, se vai estudar como hoje é um dos campos completamente de primatas, essa coisa tem que ir muito além da simples formação, quer do ponto de vista biológico, quer cultural.

De maneira que esse problema é bastante sério e naturalmente merece considerações especiais, sobretudo quanto a esta divisão da antropologia em dois centros.

Com relação ao problema da antropologia cultural, aquela clássica divisão em três níveis vai exigir um esforço muito grande de sistematização, no sentido de estudar arqueologia convenientemente, servindo a arqueologia como campo de formação, mas servindo também como introdução ao campo da história e quanto ao problema da lingüística, estou de acordo com Paulo Duarte, de que nesses dois anos devemos tratar da lingüística geral, porque só com o menor de conhecimento teórico, básico é que se poderá passar a fazer lingüística comparada.

Eu prefiro lingüística geral, naquele nível informativo que precede a especialização. Só depois dêsse contato preliminar com as teorias e os métodos, é que o aluno estaria apto à escolha como especialidade lingüística comparada, exigiria um treinamen-

to especial.

SNRA MARIA YEDA - Desejo fazer algumas observações quanto à história no Instituto de Ciências Humanas.

O professor Florestan advogou a expulsão da história do Instituto de Ciências Humanas, alegando conveniência de se constituir um Instituto à parte, para a história, baseado-se no fato de que há uma maior tradição de Institutos históricos no Brasil do que propriamente nas outras ciências sociais e também a própria natureza do trabalho.

Gostaria de dizer, acho que é justamente esta tradição que tem prejudicado a história no Brasil, é o fato de ter uma tradição que a história tem sido tão mal considerada no Brasil, até mesmo com certo desprezo.

Qualquer pessoa que haja escrito uma biografia e que se possa intitular de história, é considerado historiador e às vezes Membro de Instituto histórico. Esse é um grande problema, muito sério, no que diz respeito ao Instituto histórico. A tendência moderna é no sentido de fazer um pouco essa tradição e de vincular a história comprometer a história com os dias de hoje, fazer com que ela não seja apenas um resultado de coisas mortas, que ela nos leve à compreensão dos ~~XXX~~ dias de hoje e nesse particular ela nos parece muito vinculada às ciências sociais.

A tendência moderna é considerar a história no campo das ciências sociais. Nestas condições, não vejo nenhuma vantagem para a história de ser excluída do campo das ciências humanas. Aí prego o oposto. Acho que é de toda conveniência para nós, do Brasil, a inclusão da história. Acho que é importante a idéia, nós precisamos ter no Instituto de Ciências Humanas, sociais, ou culturais, o maior número de alunos e que possamos selecionar alguns que sejam bons, e que se destinem depois ao magistério superior, que se tornem pesquisadores e assim por diante, e que ela seja perfeitamente desvinculada, desta idéia errônea, de uma idéia morta, sem sentido e sem

significação social. Daí a necessidade de o historiador, como o professor de história, quer de nível secundário, passar por teste, estágio de ciências sociais.

Economia me parece fundamental nos dias de hoje, antropologia, linguística, enfim, uma infinidade de matérias que se pode organizar posteriormente.

Com relação à divisão da história, os campos principais que poderiam ser abordados, eu acredito não pensei bem, mas pensei no setor da arqueologia. Não sei se a arqueologia, ^{está} sendo abrangida por outro setor. Não que se pretenda formar aqui um arqueólogo, mas pode surgir uma vocação e êle pode-se destinar ao Egito.

Uma divisão de Arqueologia no Departamento de História me parece importante.

Outra divisão é de metodologia, incluindo paleografia. Os franceses não dão muita importância à metodologia na história. Isso é mais preocupação alemã. Mas me parece uma divisão no Departamento de História, abrangendo metodologia e as ciências essenciais, incluindo paleografia, no setor bem distinto e outra grande divisão que é pura e simplesmente história.

29/10/60
18.05 h.

Há uma outra grande subdivisão, que é pura e simplesmente história. É muito comum fazer-se divisão de história por critério cronológico e se convencionou fazer essa divisão meramente cronológica desde a antiguidade. No momento não temos condições no Brasil para empregar recursos grandes na formação de especialistas em épocas muito longínquas. Devemos trazer o especialista para atuar em nossa sociedade atual. Temos que abandonar o critério cronológico. A história é eminentemente sociológica, econômica e política. Não vejo como se possa fazer história separada desses ramos. A tradição no Brasil é de se estudar história de modo que já não é válido. Eu poderia também levantar as duas mãos e dizer que não encontramos professores de história, no momento, que possam dar curso na Universidade de Brasília. Vamos ter que começar do princípio, o que é muito bom. É o mesmo caso dos economistas. Uma conferência do Prof. Celso Furtado me parece muito mais útil a um aluno nosso de hoje do que um tratado de história do século XIX. Um assunto assim nos ajuda muito mais na compreensão da história.

De qualquer maneira, o espírito que quero marcar aqui é este: a necessidade de se dispor desses 3 anos, tenho a impressão de que sem grandes ambições inicialmente. Daí não achar conveniente partir-se logo para a organização de um Instituto de História, de vez que não possuímos os quadros necessários para o ensino de história isolado. Dêsse modo se poderá introduzir no Departamento de História pessoal qualificado.

Outro problema do Departamento de História é a questão da formação do professor secundário que deve ser feita em 3 anos. É uma questão de dosagem, visando a formação do professor secundário. Além desse, o problema de dar os meios necessários para a formação do especialista. Poderemos formar especialistas em 3 ou 5 anos; quando muito, podemos selecionar os melhores, os que apresentarem maior vocação e dar a esses bem dotados os elementos necessários para que se tornem especialistas, historiadores eminentes, de nível universitário, pesquisadores.

Nessas condições, não vejo problema sério no que diz respeito à organização do Departamento de História. É uma questão de bom-senso e cooperação de todos os elementos de trabalho.

O Dr. Mário Pedrosa sugeriu um curso de história da arte no Instituto de Arte. Isto é assunto a ser discutido. Sendo história, deveria, naturalmente, ser ministrado no Departamento de História - história da arte, da ciência, da política, da economia, etc, - acho que são disciplinas que poderão ser ajustadas, tendo em vista o pessoal capacitado para esses cursos.

Encerro o assunto de história, reforçando a idéia de que o Departamento de História seja parte do Instituto de Ciências Humanas ou Culturais, não importa o nome, interessa o espírito e a maneira de fazer.

PROF. OSVALDO GUERÃO - Meus colegas. Ao fim dos trabalhos, não teria sentido a minha presença aqui, não fosse talvez o único professor de ciência política que se tenha apresentado a este conclave. De maneira que me sinto maneta, porque nem um dedo da mão posso trazer para os senhores. Meu objetivo é trazer o depoimento de quem há 7 anos leciona a matéria, formado autodidaticamente, porque de ciência política só tive um ano de estudo na Faculdade de Direito.

29/10/69

18,15

Mas, quero dizer que me congratulo com todos, com a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência por esta iniciativa. Havia conversado particularmente com a maior parte dos presentes, sobre a estrutura da Universidade de Brasília, a fim de que pudéssemos elaborar o Projeto pelo qual tanto temos lutado. Eu posso dizer, algumas vezes o que tanto me animou foram essas consultas individuais, essas reuniões com grupos médicos que antecederam essa nossa magnífica reunião em que, apesar terem discutido tantos cientistas e tantos professores, não esperava fosse tão profunda e chegássemos a esse resultado. É isto porque, trabalhando no Paraná, Pernambuco, Rio Grande do Sul ou Minas Gerais, todos nós sentíamos a carência, a deficiência extraordinária que havia alcançado a organização universitária brasileira, e a necessidade de se romper com ela; tanto que, na reunião, nós concordamos com a maior parte dos casos aqui apresentados.

Outro aspecto básico para mim deste simpósio, é o fato de que esse projeto foi defendido com grande convicção. Na sessão inicial, ao terminar a exposição, disse a todos os presentes que esse projeto corria o grave risco - e agora não creio que corra mais riscos, porque o Projeto, agora, é de muitos, os melhores cientistas, brasileiros, os professores mais respeitáveis não tomaram parte - de não ser aprovado. Agora

já poderemos sair desta reunião convictos de que a Universidade de Brasília já é uma realidade, e que não foi em vão o esforço despendido e essas viagens voluntárias que deram uma importância extraordinária à reunião.

P A L M A S

Deputado COLIBRÃO DE SOUZA - Meus prezados colegas. Certo dia da semana passada entrava no Plenário da Câmara, quando estava o Deputado Raul Pilla criticando o projeto de Lei de Fundação da Universidade de Brasília. L, sustentava ôle a inutilidade e a desnecessidade da criação da Universidade de Brasília; e, se ela fôsse realmente necessária, deveria ser feita nos moldes clássicos tradicionais. Apresentou, então, aquêlo deputado uma emenda, declarando que a Universidade de Brasília deveria ficar adstrita à Lei Orgânica do Ensino Superior, os que os concursos para preenchimento das Cadeiras fôssen feitos pela Universidade de Brasil. L, assim de repente, fui obrigado a entrar no debate. L, entrei. Discuti bastante com o Prof. Raul Pilla e, como consequência recebi o encargo, por assim dizer, de defender o Projeto de Lei instituindo a Fundação de Universidade de Brasília, nas diversas Comissões.

O Prof. Anísio Teixeira acha que a lei não é necessária, que a lei é até prejudicial; mas, nós que temos a formação legal, achamos que a lei é imprescindível para que se crie a Universidade de Brasília. Para certas coisas, realmente, a lei não é necessária, mas, para outras é.

Sou filho do Ceará. Lá, no século passado fundou-se lá uma Sociedade Abolicionista do Ceará, que tinha por objetivo abolir a escravatura. E lá se reuniram, em Mesa Redonda, vários dias, seus componentes. Discutiu-se o estatuto da Sociedade Abolicionista do Ceará, que terminou, como todos sabem, pela Abolição da Escravatura 4 anos antes - 1884.

Mas, depois de vários dias de discussão, já em alta noite, em que não se chegava a uma decisão, o Presidente João Cordeiro, homem de ação, sacou de uma faca, fincou-a na mesa e mandou que o Secretário ditasse os estatutos da Sociedade. O Secretário, então, ditou: "artigo único: a Sociedade Abolicionista do Ceará tem por finalidade abolir a escravatura por todos os meios."

Era uma sociedade de fato, que realmente lutou muito e fez a abolição da escravatura 4 anos antes. E, ganharmos por isso o título de ter saído de lá a nossa maior glória.

Mas, não estou aqui para fazer propaganda do Ceará. De sorte que recebi o encargo de defender a lei que autorizou o Poder Executivo a criar a Fundação de Universidade de Brasília.

Posteriormente fomos para a Comissão de Constituição e Justiça, onde travamos uma luta bastante árdua.

O SR FRANCISCO IGLESIAS - *(continuando)* - A outra questão é quem vai constituir o corpo docente na Universidade de Brasília, problema que foi levantado pelo companheiro Florestan. Esta questão foi muito debatida aqui.

O SR EURIATO CANABARRO - Nesta hora adiantada dos acontecimentos, evidentemente não poderei realizar o meu programa sobre "Estrutura e funções da Universidade". Tenho que adotar um programa mínimo que me foi imposto.

Acho necessário que o professor Darci Ribeiro, não sei se é possível, hoje faça uma espécie de balanço dos trabalhos e das comunicações que foram apresentadas, porque o mal deste Congresso aqui - chamo de Congresso, que tem tôdas as características - o mal é que várias sugestões, inclusive as mais interessantes, às vezes uma sugestão interessantíssima é feita, não com muita veemência, e nós, brasileiros, valorizamos as observações feitas em voz alta, mas muitas vezes uma pessoa fala com voz em forma imperfeita e esta sugestão não se perde, porque êle é capaz de captá-la e numa síntese geral nos dar uma impressão objetiva das conclusões a que chegamos nesta assembléia.

Evidentemente estamos tratando de discutir uma série de problemas relacionados com as mais diferentes disciplinas. Há sugestões feitas no domínio da economia, do direito ou da sociologia, sugestões essas que podem ser aproveitadas no Departamento de Filosofia, no Instituto de Filosofia, porque elas representam uma contribuição importante para esclarecimento de um problema particular, mas qualquer contribuição relevante serve para esclarecimento de outros problemas igualmente particulares e serve para esclarecer problemas gerais da cultura.

A orientação de filosofia atualmente adotada de não criar grandes sistemas, aquela tentativa ambiciosa de formar sistema que admitia que o universo tem uma estrutura e que esta estrutura possa ser conhecida, esta orientação está sendo substituída pelo estudo

da problemática particular de problemas isolados, a que se aplica uma técnica adequada e depois se percebe que as conclusões chegadas, de um ponto de vista particular, podem ser generalizadas, como acontece de matemática, conclusões que são realizadas no domínio da matemática, e que se entende para domínio geral da cultura que apresenta uma fecundidade extraordinária sob este ponto de vista universal.

Eu não poderia estender-me e evidentemente eu transfiro esta tarefa para o professor Darci Ribeiro. Queria fazer algumas observações muito rápidas e que de certa maneira resultam da nossa experiência com esta reunião democrática, em que todo mundo apresenta seus problemas e que todos discutem livremente, certo de que tudo isso apresentado numa síntese orgânica vai contribuir para que as diretrizes de nossa Universidade sejam muito mais firmes do que sem esse livre debate.

O meu trabalho, como disse, versa sobre "Estrutura e funções da Universidade". Fiz um estudo mais particularizado da estrutura e da função dos cursos das Universidades inglesas e alemãs, mas não posso estender-me sobre estes aspectos, em todo caso vou lhes dar uma espécie de síntese das considerações que fiz.

Um dos traços mais significativos e mais relevantes das Universidades inglesas e alemãs me parece elas refletem a vida cultural do país. Não me ocorre uma figura notável da filosofia, da ciência, da matemática, dos diferentes departamentos e ~~seus~~ setores que não tenham exercido o magistério, é muito difícil. Na Inglaterra, um grande poeta como Thiers, grandes poetas modernos que não tenham de certa maneira exercido o magistério, que não tenham realizado pelo menos algumas conferências. Cita-se Triman, Thomaz morreu fazendo conferência de poesia em Universidade americana. A vida intelectual se forma nos quadros da Universidade.

Aqui deve ser precisamente o contrário, porque no Brasil temos cultura, mas não temos vida cultural; temos medicina, mas não temos vida médica; temos física, mas não vida física. Não há

pròpriamente uma organização encarregada de ~~explorar~~ ^{explorar} os indivíduos que cultivam a física aqui, de que dê todo rendimento. Pelo contrário, há uma organização para impedir. Eu nunca me senti explorado no Brasil, agora quando saio para dar um curso no exterior, aí sou explorado. Eu sinto que aquilo que sei está rendendo de certa forma.

No Brasil eu não tenho esta oportunidade de verificar que aquilo que eu aprendi pode ser muito bom, etc. eu aprendi , memori-sei e não é exporado. Não há oportunidade, não há cursos em que eu possa tratar dos problemas que me interesam em nível universitário. Isso é comum em pessoas presentes, que se sentem inexploradas, por falta de órgãos culturais adequados, que nos oferecem oportunidade. A Universidade de Brasília deve oferecer esta oportunidade, porque deve influir nos movimentos científicos e criar no país um ambiente cultural, como encontramos nas Universidades estrangeiras.

A tarefa para mim mais importante da Universidade de Brasília será fazer ato de presença. Nós sentimos um pouco o ato de presença da Universidade de São Paulo, da Universidade de Minas Gerais, esta não se sente. A Universidade de Brasília prima pela ausência, mas a Universidade de Brasília deverá mostrar que ela existe, que ela tem órgãos que funcionam e que tem vida. É necessário que se demonstre isso, que tem um organismo e que êste organismo funciona. Há fatores que perturbam êste funcionamento, mas é um organismo vivo e não mort.

29/10/60
18.35 h.

A tarefa para mim mais importante será esta, de promover para os brasileiros em geral a elevação de seus cursos, criando-se condições favoráveis ao desenvolvimento intelectual. Estou pensando não em literatura, mas em ciência. De modo que a missão da Universidade de Brasília não é refletir um movimento de idéias, mas organizar uma obra pública no campo da pesquisa e promover tudo isso por sua própria conta e risco.

Notei que aqui muito se discutiu sobre organização de institutos. Todas as pessoas que participaram dos debates falaram sobre organização de institutos de ciências humanas, matemática, física, etc. É programa da estrutura interna da Universidade. Mas não ouvi tratar, pelo menos de maneira mais ampla como o problema exige, do método de seleção dos alunos.

No Brasil temos uma situação singular: Temos ensino primário e universitário, bem ou mal, mas não temos ensino secundário. O ensino secundário, no Brasil, não existe. Digo por minha experiência no Colégio Pedro II. O que faço com meus alunos é ensinar em que consiste a técnica do ornamento. Observo que aqueles que são mais hábeis de raciocínio crítico são os que fracassam em exames de admissão em engenharia e medicina, ao passo que aqueles que tem capacidade de memorizar, os espertos, os palandros, passam por cima dos conceitos e querem só saber qual é a técnica da matemática, de solução de problemas, porque pensam que a matemática é alguma arte de resolver problemas; então êsses fazem melhores exames, têm situação privilegiada.

Precisamos acabar com isso, porque não é possível que o indivíduo que sabe raciocinar não tenha êxito nos exames de admissão. Acredito que o que interessa na nossa Universidade não é saber se o sujeito tem conhecimento de matemática ou de física, mas se tem nível mental para adquirir boas noções que lhe são transmitidas durante o curso. Que adianta saber se memorizou? É isto que se faz nos exames e nas provas.

Na Inglaterra não há exames, ou são reduzidos ao mínimo. Têm a prova material e basta. Nada substitui a relação entre o pro-

fessor e o aluno, a dinamização do aluno pelo professor, a reciprocidade da troca.

Eu preferiria na Universidade de Brasília um sistema que permitisse selecionar, não indivíduos dotados de conhecimento básico fundamental de determinados assuntos, mas indivíduos capazes de adquirir noções, embora com o curso secundário deficiente.

Eu tive um curso secundário em que nada aprendi. Durante muito tempo me julguei incapaz para matemática e para física, exatamente por causa dos meus professores. Depois tive que adquirir essas noções por minha própria conta.

De modo que o problema é precisamente este: devemos introduzir um sistema que permita selecionar alunos capazes de aprender e não alunos que tenham feito memorizações. É preferível que o aluno não tenha aprendido. Eu prefiro encontrar meus alunos completamente virgens na matéria, porque só assim não estarão corrompidos, não têm noções falsas de filosofia, porque não têm nenhuma. Em vez de noções imperfeitas, é preferível não ter nenhuma. Aí eu ensino que deve raciocinar por sua própria conta e risco. Prefiro um aluno de filosofia que chegue a conclusões erradas, mas por seus próprios meios do que chegar a conclusões certas apoiado numa autoridade.

É o método da autoridade que permeia todo nosso sistema educativo. O método da autoridade não vale nada em matemática. Quanto mais vale o método da autoridade, menos científica é a disciplina. É a prova por intimidação. O camarada respeita e aceita porque está intimidado.

Resumindo, esta é a base da minha proposta: que admitíssemos dentro do corpo da Universidade de Brasília o universitário que tivesse um conjunto de disciplinas básicas, como inglês ou alemão, no primeiro e segundo graus; matemática primeiro e segundo graus; física e química primeiro e segundo graus; biologia, latim, português, literatura, lógica e metodologia, primeiro e segundo graus. Isto tudo é baseado no seguinte: com o método de arregimentação, de incorporação ou assimilação, que é flexível, muitos alunos ingressarão.

29/10/60

18,45

Por isso mesmo sempre procuramos emprestar ao estudo da Ciência Política, quando a ministramos, uma certa importância, apresentando-a sob dois aspectos. Estamos apenas calçados na nossa experiência, exatamente porque não podemos contar com a experiência de outros colegas. Mas, acredito que essa seja também a experiência de outros.

Procuramos, e foi a nossa preocupação, ministrar o ensino de Ciência Política mediante a libertação do bacharel que era, porque quase todos são advogados, e sentiros, assim a deformação provisória a limitar a amplitude do fenômeno sociológico no Poder. Por isso mesmo, quando se abre a perspectiva de uma estrutura universitária nova, só podemos nos sentir realmente felizes com a criação definitiva desses Institutos, almejando, sinceramente, que entre eles se inclua o Instituto de Ciências Políticas. As preocupações que nos chegam neste momento ao analisarmos uma organização dessa natureza, são as de que o Departamento de Ciência Política deverá voltar-se, necessariamente, para o contraste brasileiro, para o processo brasileiro, para as necessidades urgentes da formação de quadros brasileiros que analisem a realidade brasileira; a formação de professores que entendam a sociologia do Poder no Brasil, que entendam o fenômeno do Poder neste país, ao em vez de voltar-se para uma mera absorção de conceitos.

18.55 horas

(continuando) - Eu entendo que os americanos têm toda razão quando afirmam, numa expressão muito vigorosa, que os Presidentes de Universidade da América são os únicos ditadores da América. Eu não considero que a fórmula ativa nas Universidades deva necessariamente obedecer ao processo com que nas democracias se preenchem os quadros. Eu acho que a Universidade, por sua tradição mesma, já óntem se lembrou que a Universidade tem base medieval e por se tratar de formação, que é mais do espírito, ela não pode voltar-se a êsses critérios de seleção e de govêrno, de caráter um pouco autocrático. Os pequenos Conselhos, quando bem constituídos, são melhores que os grandes.

É uma solução muito mais interessante. Partindo dessa premissa de que estou de acôrdõ de que a melhor solução é o pequeno Conselho, que é a escolha fundamental de um grande Reitor, de uma grande figura brasileira, a Reitoria, acho para a mesma não há razão que ~~não~~ seja exclusivamente um professor universitário. Quantos grandes Reitores na vida brasileira, em consequência dêsse imperativo, categórico da lei se perdeu. Quantos grandes homens deixaram de poder participar de um govêrno de Universidade, vamos citar um Oswaldo Aranha, um homem de prestígio social e político, e visão ampla de nossas coisas, deixam de colaborar na vida universitária.

Mas que êste Conselho se constitua de forma a que a Universidade de Brasília venha a voltar-se especialmente para solução dos problemas brasileiros, dos problemas sociais, políticos, econômicos, que foram abordados. Eu sou, na Universidade do Brasil, absolutamente partidário da Faculdade de Filosofia, acho ela viveu seu episódio e teve que reunir-se numa unidade que era uma Universidade, a do Distrito Federal, mas que é preciso que ela se dissocie e uma das vantagens é que ela nasce com esta dissociação.

Portanto, sou muito favorável à criação dessa Faculdade de Ciências e isso digo para que não pareça que as observações que vou fazer importam em qualquer ~~xxxxxxx~~ atitude contrária à que se deu à Universidade de Brasília. Pelo contrário, estou de acordo, mas acho que para evitar práticas ou se ~~encontrar~~ ^{encontre} o supermetas, o homem extraordinário, inclusive na sua ^{ação} ~~ação~~ pessoal, no seu prestígio, poder de persuasão para dirigir o Instituto de Ciências Sociais Humanas, ou então a tendência será que a Universidade se torne mais a Faculdade de Ciências do que uma Universidade.

Portanto, insisto na idéia que antes assinalai, de se criar já para que pudesse figurar no Conselho pelos Diretores de Institutos um número maior de ciências humanas. Acho que a ciência química precisa se desenvolver extremamente. Tenho formação científica de meus pais, quando iniciei carreira, julgava que estava voltado para a ciência, mas estamos sem ciência física, química e matemática, é preciso elaborar fora do país e em termos inclusive de um aproveitamento entre nós, o que não é desejável, acho que a ciência brasileira deve participar dos grandes movimentos mundiais do científico.

Quero assinalar que a ciência do homem, esta não se importa, não há meio de se fazer senão no Brasil. Não podemos resolver problemas de antropologia, de economia aplicada em vários setores de sociologia, de educação, enfim, de psicologia senão através de um desenvolvimento nas Universidades brasileiras destes setores em termos muito amplos e de um prestígio pouco dominante desses setores, na vida cultural universitária.

Não quero deixar de formular, de maneira mais categórica e enfática, esta posição que é para nós e com a qual eu quero contribuir para esses aspectos aqui abordados.

Para terminar e apenas maquinalmente, sem maior empenho do ponto de vista prático, porque já tive ocasião de assinalar, quero frisar, mais uma vez, que realmente a Universidade representa uma

conquista e uma criação do espírito humano, que tem uma gênese de melhorar e através dessa gênese ela chegou a um certo tipo de estrutura institucional, a que não há fugir, pelo menos a respeito de certos aspectos.

Não vejo como, na realidade, representar uma inovação de consequências, somente benéficas na inclusão, na iniciação dos cursos universitários, através de Institutos e não de Faculdades. A Instituição da escola é uma instituição secular, é uma criação humana, a que parece não podemos fugir, sem consequência, é uma experiência vulnerável.

Quero deixar frisado que a respeito do ~~organograma~~ organograma que examinamos, continuo a entender que existe esta lacuna a corrigir, ~~há~~ necessidade de que exista um organismo escolar, chamando a isso Faculdade ou outra forma qualquer, mas, enfim, uma congregação de carreira, algo na instituição que represente um organismo, um instrumento capaz de considerar os problemas de formação através de uma ponderação e que todos êsses aspectos sejam objeto de consideração.

SR PRESIDENTE - Vou dar a palavra ao Prof. Paulo Sampaio, lembrando que foi abordado não se deve incluir o direito na Universidade de Brasília.

SR PAULO SAMPAIO - Quero dizer apenas duas palavras e vejo estamos terminando num quadro muito sombrio, ~~existente~~ pensamento brasileiro, o de que faltam-nos economistas...

29/10/60
19.05 h.

Não temos físicos. D; Yeda disse que não tem historiadores. Não é tanto assim. Sem dúvida falta uma porção de coisas, mas estamos assistindo um movimento no país desde 1934. Fundou-se a Universidade de São Paulo e até agora quem vem assistindo essas transformações tôdas não pode deixar de ser otimista. Temos progredido muito. E o só fato de se propor uma lei nova no Parlamento que funda a Universidade de Brasília e de haver uma reunião como esta de alto nível, que não seria possível a 25 anos atrás, já é um grande progresso. Cada um expos o seu pensamento com grande liberdade. Além disso, a falta de professores é mundial. O problema do ensino secundário é agudo em tôdas as nações, não há nenhuma delas que o tenha resolvido satisfatoriamente. A questão de profissionais, a mesma coisa.

Neste ponto sou otimista. A Universidade de Brasília vai resolver muitos problemas.

DR. TIOMENO - Também sou otimista. Acho que a tarefa do desenvolvimento da física nós estamos em condições de enfrentar e podemos resolver o problema.. O que eu disse é que o número que foi dado como base de trabalho era muito alto e nós não tínhamos para começar um número suficiente. Mas começando com essa base mais justa, cumpriremos todo o programa.

Sr. Paulo Lampião - Folgo muito em saber que o meu colega não é pessimista. Finalmente, quero lembrar que a nossa experiência em São Paulo foi muito boa, resolveu muitos problemas. Depois houve uma padronização e acabou. Se pudéssemos tirar o legislativo do ensino, já teríamos dado um passo gigantesco.

PROF. ROCHA E SILVA - Congratulo-me com a Sociedade por esta reunião tão fecunda. É impressionante que se tenha chegado a êsse ponto, mas isto não quer dizer que a vitória está ganha. O Darcy pertence à Sociedade. O fato de ter conseguido tanto não quer dizer que vamos deixar de ir até o fim. Se essa Universidade de Bra-

sília não sair, temos que fazer outra universidade igual, e essa por esforço próprio. Se chegar ao ponto de fazer a Universidade de Brasília igual às outras, é preciso reagir, e o modo de reagir é criar uma outra universidade igual a esta que se está planejando. Talvez em Bananal.

PROF. OSVALDO CRUZ - Eu queria dizer algumas palavras para elucidar dúvidas a respeito da colocação no quadro de ciências humanas, como também da observação do Dr. Mussachet a respeito da necessidade dos sociólogos terem treinamento nas ciências básicas. São as duas características mais importantes da ciência: primeiro o método. Todos mencionaram semelhança de método - metodologia científica. Porém existe o do produto das diversas disciplinas. Nas ciências que considero básicas, matemática, química, física e geologia, havia dois produtos controversos. Na etiologia do câncer, posso apresentar 7 teorias muito bem alinhavadas, porém o especialista sabe que não estão na categoria acertada. Portanto, esse produto de retaguarda tem uma característica muito importante: ele pode ser transmitido com enorme facilidade a toda pessoa normal. Esse produto de retaguarda não existe em sociologia nem em história. Apesar de usar o método científico na estratificação das ciências, elas têm uma categoria à parte. De modo que seria mais fácil atingir o espírito da ciência nessas disciplinas do que na sociologia propriamente dita.

DR. NEWTON FREIRE - Quero levantar a mão para contar que no meu laboratório de genética eu tinha 3 elementos muito bons, mas não havendo probabilidade na frente, dois arranjaram emprego e o outro é rico. A Universidade de Brasília poderá servir de incentivo e dar oportunidade aos bons elementos.

DR. HAITI - Nesse acervo que vai ser colocado à disposição dos debatedores da Universidade de Brasília, redigimos um telegrama que vai ser enviado ao Congresso. (Lê).

Srs. Senadores :

Participantes da reunião convocada pela Sociedade Brasileira para o Progresso da Cienci^a, após análise e discussão detalhada, nos dias 28 e 29 do corrente, no Rio de Janeiro, do projeto da Universidade de Brasília, que se encontra em curso no Congresso, ~~XXXXXXXXXXXX~~ levam ao conhecimento de V.V.^{zas} sua convicção sobre o interesse e a importancia fundamental que teria a aprovação do referido projeto para o desenvolvimento ind us trial, científico e cultural do Brasil, especialmente em face da necessidade de uma total renovação da estrutura e dos metodos universitarios vigentes em nosso paiz

29/10/60

19,15

Ele tem de arrematamentar alunos do curso secundário, a fim de que êsses alunos possam seguir cursos tecnológicos especializados. É necessário que êle tenha conhecimento dessas matérias. Agora, a Universidade do Brasil não reconhece essa questão fundamental, que é, precisamente, a inexistência do curso secundário. Ela não poderá adotar nenhum método de seleção. O método de seleção tem que ser o vocacional. É como se apresenta o problema.

O problema é êsse: a Universidade só se poderá basear em elementos justamente conhecidos, que sabemos por que não rendem. O ensino secundário não rende. Então, a Universidade de Brasília terá de solucionar o problema através de provas e testes, mas de natureza vocacional do que propriamente do conhecimento, de tal forma que ela seleccione indivíduos reconhecidamente capazes de poderem formar-se naquelas especialidades.

PROF. FARIA GÓIS - Queria trazer algumas soluções que me parecem ideais para algumas referências feitas anteriormente. Em primeiro lugar, quero aproveitar o ensejo para assinalar que estou de acordo com o Prof. Canabarra, a respeito da criação de cursos especializados. Julgo necessário a criação dêsses cursos nas Universidades. Mas, no caso da Universidade de Brasília, somente daqui a 3 anos poderão êles ser

realizados. De modo que, talvez se pudesse realizar esses cursos com uma seleção daqui a um ano, submetendo os estudantes selecionados a uma instituição que, talvez, pudesse ser a que é prevista no esquema, para o ensino de grau médico, anexado a um grupo do Instituto de Educação, onde os estudos pudessem ser realizados. Entendo que realmente esta é uma medida prática e que se poderá tornar realidade. Já tive oportunidade de fazer sentir, em parecer dado na Universidade do Brasil, a necessidade da criação desses cursos, que os americanos chamam de "colleges".

De maneira que quero deixar o meu apoio e o meu aplauso a essa sugestão maravilhosa. Uma outra contribuição que me pareceu essencial, e ainda indo ao encontro das referências do Prof. Canabarra, refere-se à criação do professor associado, outra sugestão que não queria deixar de formular diz respeito ao aspecto que me parece realmente importante; e constitui uma inovação da Universidade de Brasília: é a inexistência do Conselho Universitário. Uma inovação que me parece de grande repercussão, e de uma consequência muito benéfica.

19.25

~~(continuando)~~ - Ainda mais pelo seguinte : eu sou, além de professor da Faculdade de Filosofia, e Ciências Econômicas, professor do magistério militar. Em 1942, com a direção do ensino do atual Marechal Mario Travassos, foi feita, no ensino militar, uma reforma do ensino que podemos dizer, é antecipação dessa reforma que hoje é o anseio de toda inteligência brasileira, de todo magistério, que quer não estratificar, mas organizar-se em instituto novo, de uma forma mais eficiente, não somente de realizar, mas de transmitir a cultura humana.

Eu fui testemunha do que aquela reforma foi útil, foi produtiva se fizéssemos com que o magistério não mais se exercitasse naquelas formas de independência, de quase que autocracia, o ensino é todo sob uma forma de conjunto. A sociedade transmite o conhecimento aos alunos sob uma forma também socializada, sob uma forma de um conceito, não é mais um indivíduo, num determinado grupo, que resolve transmitir aquilo.

A antiga liberdade de cátedra, tão necessária e tão recomendada, quanto às Universidades, eram centros, digamos, do liberalismo, contra o sistema reinante, se justificava aquela liberdade de cátedra, nos conceitos clássicos antigos, porque na realidade a liberdade era o refúgio da Universidade, que eram os centros propulsores da liberdade, da inteligência e da cultura humana. Hoje que a liberdade já se realizou no mundo, esta liberdade está sendo quase que utilizada contra a cultura, contra a inteligência e a ~~ética~~ técnica.

Eu aderi inteiramente ao programa da Universidade de Brasília e esses dois dias que aqui compareci e lamento não ter tido ~~mais~~ mais tempo para assistir a todos os debates, não me fizeram senão me dar maior convicção de que a criação da Universidade de Brasília se faça nos moldes aqui planejados, imaginados, desejados e

sentidos, a fim de que a Universidade de Brasília seja não somente uma semente promissora de uma árvore que realmente vai desabrochar, produzir seus frutos, não somente para si, mas que se torne o início de uma reforma no todo o nosso ensino universitário, porque o exemplo que lá deverá frutificar, depois, deverá espalhar-se pelas outras Universidades do Brasil.

Esse será o maior trabalho que nós estaremos prestando à inteligência, à civilização e à cultura brasileira. Reafirmo aqui que voltarei para Brasília, mais convicto da necessidade que temos de dar à Universidade de Brasília uma execução mais rápida, aproveitando este grande anseio e este grande entusiasmo da inteligência brasileira, que não pode, de maneira alguma, ser desperdiçada pelo Estado, pelo Governo Brasileiro. (Palmas).

SR PRESIDENTE - Está encerrada a sessão.

A UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Reuniu-se nos dias 27 e 28 de outubro último, na sede do Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais, um Simpósio, convocado pela SOCIEDADE BRASILEIRA PARA O PROGRESSO DA CIÊNCIA, para debater o plano de estruturação da Universidade de Brasília, de que participaram os seguintes cientistas, intelectuais e professores:

Físicos

Gleb Wataghin
José Leite Lopes
Mario Schemberg
José Goldenberg
Jayme Tiomno
Richard Wallauschek
Oscar Sala
Guido Beck
Lauro Nepomuceno

Matemáticos

Leopoldo Nachbin
M.L. Leite Lopes
A. Pereira Gomes

Químicos

J. Cristovão Cardoso
Jacques Danon
Walter B. Mors
Júlio Pudles
Ricardo Ferreira
Lúcia Furtado

Geógrafos

Orlando Valverde
Pinchas Geiger
Fábio M.S. Guimarães

Diplomata

Wladimir Murtinho

Filósofo

Euryalo Cannabrava

Biólogos

Paulo Sawaya
F. Briguer
Carlos Chagas F.
W. Oswaldo Cruz
Haiti Moussatché
M. Rocha e Silva
Crodovaldo Pavan
Newton F. Maia
J. Ribeiro do Valle
S. Baeta Henriques
Annie P. Danon
Amadeu Cury
Herman Lent
Antônio Couceiro
O. Frota Pessoa
Segadas Viana
Carlos Zilberstchmidt

C. Médicas

Arthur Moses
Paulo de Góes
M. de Freitas Amorim
Haydée G. Dourado

Escritóres

Ciro dos Anjos
Paulo Duarte
Afrânio Coutinho
J.I. Mendonça
P. Madureira de Pinho

Historiadores

Maria Yedda Leite
Linhares

Crítico de Arte

Mario Pedrosa

Antropólogos

Darcy Ribeiro
L. de Castro Faria
Roberto C. de Oliveira
Josildeth G. Consorte

Economistas

Celso Furtado
Pompeu Acioly Borges
Frederico Rangel

Educadores

Anísio Teixeira
Jayme Abreu
Faria Goes Sobrinho

Sociólogos

Florestan Fernandes
Oracy Nogueira
Morse Belém Teixeira
Oswaldo Gusmão

Urbanistas

Lúcio Costa

Biblioteconomistas

Lídia Sambaqui
Kadem Moussatché

Parlamentar

Dep. Colombo de Souza

C. Agronômicas

Felisberto Camargo

O projeto original de instituição da Universidade de Brasília, elaborado por Darcy Ribeiro, em colaboração com diversos especialistas, foi submetido a uma comissão convocada pelo Ministro da Educação e Cultura, integrada pelos senhores Pedro Calmon, Reitor da Universidade do Brasil, João Christovão Cardoso, Presidente do Conselho Nacional de Pesquisas, Anísio Teixeira, Diretor do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, Ernesto Luiz de Oliveira Junior, Diretor da Co-

missão Supervisora do Plano dos Institutos. Almir de Castro, Diretor de Programas da Campanha de Aperfeiçoamento do Pessoal de Nível Superior e Darcy Ribeiro, Coordenador de Pesquisas Sociais do Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais. O Memorial e Projeto de Lei elaborado pela Comissão serviram de base à Exposição de Motivos nº 492, do Ministro da Educação e Cultura ao Presidente da República que, transformado em Mensagem do Poder Executivo foi enviado ao Poder Legislativo, no dia da mudança da Capital para Brasília, passando a constituir o Projeto de Lei nº 1861/1960.

Com o objetivo de promover estudos complementares ao referido projeto, o Presidente da República designou pelo Decreto nº ... 48.599 de 25 de julho de 1960, uma Comissão integrada por Darcy Ribeiro, Oscar Niemeyer e Ciro dos Anjos. Dando cumprimento a esta atribuição elaboramos o relatório seguinte que serviu de introdução ao Simpósio e será submetido, juntamente com as contribuições dos participantes, ao Conselho Diretor da Universidade de Brasília.

Publicado em
SR - Jan 61

UNIVERSIDADE DE UTOPIA

Setenta cientistas e estudiosos reuniram-se no Rio de Janeiro, convocados pela Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, para debater o plano e estruturação da Universidade de Brasília. Participaram do Simpósio:

Físicos

Gleb Wataghin
José Leite Lopes
Mario Schenberg
José Goldenberg
Jayme Dionno
Richard Wallauschek
Oscar Sala
Guido Beck
Lauro Nepomuceno

Matemáticos

Leopoldo Nachbin
M. L. Leite Lopes
A. Pereira Gomes

Químicos

J. Cristovão Cardoso
Jacques Danon
Walter B. Mora
Júlio Pudles
Ricardo Ferreira
Lúcia Furtado

Geógrafos

Orlando Valverde
Pinchas Geiger
Fábio M.S. Guimarães

Diplomata

Wladimir Murтинho

Filósofo

Euryalo Cannabrava

Biólogos

Paulo Sawayá
P. Bruiguer
Carlos Chagas F.
W. Osvaldo Cruz
Haiti Moussatché
M. Rocha e Silva
Crodovaldo Pavan
Newton P. Maia
J. Ribeiro de Valle
S. Basta Henriques
Annie P. Danon
Amadeu Cury
Herman Lent
Antônio Couceiro
O. Freta Pessoa
Segadas Viana
Carlos Zilberstchmidt

C. Médicas

Arthur Moses
Paulo de Góes
M. de Freitas Amorim
Haydée G. Dourado

Escritores

Ciro dos Anjos
Paulo Duarte
Afrânio Coutinho
J. I. Mendonça
P. Madureira de Pinho

Historiadores

Maria Yedda Leite
Linhares

Crítico de Arte

Mario Pedrosa

Antropólogos

Darcy Ribeiro
L. de Castro Faria
Roberto C. de Oliveira
Josildeth G. Consorte

Economistas

Celso Furtado
Pompeu Acioly Borges
Frederico Hangel

Educadores

Anísio Teixeira
Jayme Abreu
Faria Goes Sobrinho

Sociólogos

Florestan Fernandes
Oracy Nogueira
Morse Belém Teixeira
Osvaldo Gusmão

Urbanistas

Lúcio Costa

Biblioteconomistas

Lídia Sambaqui
Kadem Moussatché

Parlamentar

Dep. Colombo de Souza

C. Agronômicas

Felisberto Canargo

O projeto original da criação da Universidade foi submetido à aprovação do Ministro da Educação e Cultura por uma Comissão integrada por Pedro Calmon, João Christovão Cardoso, Anísio Teixeira, Ernesto Luiz de Oliveira Junior, Almir de Castro e Darcy Ribeiro. Transformado em Mensagem Presidencial, aquele projeto foi remetido ao Congresso, no dia da mudança da capital para Brasília e já obteve aprovação da Câmara dos Deputados, encontrando-se, agora, no Senado.

E', pois, de todo provável que nos próximos meses contemos com uma vigésima segunda universidade. Décima das federais. Esta, porém, só deverá iniciar seus cursos regulares em 1964. Até então será um programa de obras e de preparo dos futuros docentes, mesmo porque, desta vez, decidiu-se proibir qualquer improvisação em matéria de professores e de equipamento de ensino e de pesquisa.

Não é do estilo de SENHOR tratar de projetos (a desejos deixei de ser contente...) pois só acreditamos em coisas tão existentes que sejam visíveis e mensuráveis. Mas, pagamos para ver, pedindo a Darcy Ribeiro que está coordenando, juntamente com Oscar Niemeyer e Giro dos Anjos, o planejamento da Universidade de Brasília, uma síntese da exposição que fez na referida reunião.

Tal como supunhamos, trata-se de um documento sério que merece ser lido e meditado. Não é notícia do tipo cocrente. Não é também especulação. No máximo poderíamos classificá-la como profecia com data marcada de realização. Verificável, pois, pelo senhor, em janeiro de 1965, ano 7 nº 1 de SENHOR.